ORLANDO J. SANTOS

O EBÓ

O CULTO AOS ORIXÁS



Este ***O ebó no culto aos orixás,*** *de Orlando J. Santos, Bábàlóòrìṣà da Nação Kétu, integra um esforço de recuperação de saberes ancestrais comuns aos africanos e seus descendentes na diáspora que, por razões inúmeras, vêm se perdendo, com incalculáveis prejúizos para a cultura negro-brasileira e para a afirmação de nossa identidade nacional.*

O Autor começa por abordar a noção de ***Olódùmarè.*** *A seguir, observa a constituição do* ***Orí*** *(cabeça) e do homem como um todo. Dedica-se à explicitação de* ***Ẹṣù,*** *primordial ao saber e práticas rituais. Oferece-nos uma visão sumária do que são os* ***Òrìṣà*** *e as principais características de cada um, terminando por detalhar o "assentamento" de três deles, os mais importantes para os fins a que se propõe o texto:* ***'Ẹṣù, Ògún*** *e* ***Òòṣàálá.***

Ingressa, finalmente, em seu objetivo específico, o ebó no Candomblé, começando pelo mais importante, o ***Ẹborí*** *(ou* ***Borí),*** *destinado à cabeça* ***(Orí);*** *seguido do oferecimento do* ***igbin*** *a* ***Òòṣàálá,*** *um dos mais complexos, delicados e importantes sacrifícios oferecidos (o ìgbin é*

Leo ti: Iyeonijo
Go 18-09-95

O EBÓ
No Culto aos Orixás

Série *Orò* — Vol. 3

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Santos, Orlando José dos
S236e O ebó no culto aos orixás / Orlando J. Santos; [ilustrações, Renats Martins]. — Rio de Janeiro: Pallas, 1993.
140 p. (Série *Orò;* v. 3)

Bibliografia.
ISBN 85-347-0017-6

1. Candomblés — Rituais e práticas. 2. Deuses dos candomblés — Culto. I. Título. II. Série.

93-1007

CDD — 299.67
CDU — 299.6.3

ORLANDO J. SANTOS

O EBÓ
No Culto aos Orixás

PALLAS

Rio de Janeiro
1993

Copyright © 1993 by
Orlando J. Santos

Editores
Cristina Warth
Ari Araujo

Capa
Krisnas

Ilustrações
Renats Martins

Composição
Cid Barros

Montagem e Desenhos
José Geraldo O. Lacerda

Revisão Tipográfica
Vera Lúcia Santana

Coordenação Editorial
Hernani de Andrade

Direitos reservados desta edição à
PALLAS – Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44
Higienópolis – CEP 21050-840 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 270-0186 – Fax: (021) 590-6996

A **Ela**

Que me prendeu
com o poderoso ebó
do amor verdadeiro.

AGRADECIMENTOS

— A meu orí, *que me fez e me faz forte dia-a-dia.* Ìbà.

— A Ògún, *senhor da riqueza quantitativa e qualitativa. Senhor dos caminhos da modelação, da prosperidade e da sabedoria. Meu* òrìṣà. Ìbà.

— A meu Bàbáláàṣẹ. *Valdemar Nagozinho.* Ìbà.

— A Marly Bacciotti dos Santos, que datilografou e revisou o texto inicial, demonstrando paciência com a minha impertinência e mania de perfeccionismo.

— A meus editores — Ari Araújo e Cristina Warth — minha gratidão pelo espaço concedido no catálogo editorial da Pallas.

— A meu Filho-de-Santo Waldemar de Almeida — Ṣòngó *"cuca-fresca" — que só vai se preocupar no dia em que a "havaiana" aumentar de preço. Obrigado por muito...*

— A Ajibola Isau Badiru (Bàbá Onírìṣẹ̀gún), *pelos inúmeros ensinamentos que me tem transmitido.*

Que o àṣẹ *de* Ògún *acompanhe a todos por toda a vida.*

APRESENTAÇÃO

Este livro de Orlando J. Santos, Bábàlóòrìsà *da Nação* Kétu, *integra um esforço de recuperação de saberes ancestrais comuns aos africanos e seus descendentes na diáspora que, por razões inúmeras, vêm se perdendo, com incalculáveis prejuízos para a cultura negro-brasileira e para a afirmação de nossa identidade nacional.*

Sua publicação envolve questões não somente éticas, como também referem à óptica pela qual vê o mundo, bem como, ainda, é visto o Povo-do-Santo pela sociedade global em que está inserido.

Tais questões envolvem, essencialmente, o segredo *sob o qual são mantidas certas informações essenciais, estratégia que, num sistema de tradição oral do saber, não só o integra — funcionando como instrumento regulador da distribuição do conhecimento — bem como tem sua excelência e eficácia demonstradas como prática do* saber ritual; *funcionou, também, como técnica de preservação, frente à repressão cujo gradiente vai da escravização à folclorização, do açoite ao olhar recriminador, da tortura e prisão à discriminação e ao preconceito.*

Ora, esta estratégia, tão necessária em determinado momento, aliada à falta de registros escritos (ao contrá-

rio do que ocorreu em outros lugares, dos quais Cuba é exemplo) — somada, ainda, a inúmeros outros fatores dentre os quais, admitamos, a insegurança e a vaidade fazem presença até hoje — levaram a uma espécie de solução de continuidade na transmissão desses saberes, gerando adaptações onde estas não cabem; perda de "fundamentos" imprescindíveis à eficácia dos rituais; insegurança onde tal sentimento não pode encontrar lugar; desordem; quebra da hierarquia; em suma, uma sucessão das chamadas "marmotagens"; a possibilidade da desonestidade fazer frente à competência.

Isto, sem contar a criação do tão decantado "modelo de pureza Nagô", fruto da réação e, ao mesmo tempo, da manutenção de tal estado de coisas, alimentado pela visão deformada de certa intelectualidade acadêmica.

Neste contexto, o trabalho de Orlando J. Santos, um legítimo intelectual "do sistema", com seu saber forjado na prática ritual do Candomblé, assoma em importância no sentido da recuperação desses saberes cuja divulgação em letra de forma não significa sua vulgarização, pelo contrário, visa a provar — ao Povo-do-Santo e à sociedade global como um todo — que não estamos tratando com um mero tecido de superstições, mas com uma complexa e sutil epistemologia, como bem já o advertiu Roger Bastide.

E se o texto, por vezes, pode parecer confuso, isto se deve à legítima tradição do saber negro-brasileiro que, ao invés de buscar a dissecação do objeto, circunda-o, aborda-o em suas múltiplas facetas, em sua totalidade e concretude, conferindo à captação de sua essência o caráter de revelação.

Aqui, Orlando J. Santos começa por abordar levemente a noção de Olódùmarè. *A seguir, observa a constituição do* Orí *(cabeça) e do homem como um todo. Dedica-se à explicitação de* Èṣù, *primordial ao saber e práticas rituais. Oferece-nos uma visão sumária do que são os* Òrìṣà *e as principais características de cada um, terminando por detalhar o "assentamento" de três deles, os*

mais importantes para os fins a que se propõe o texto: Ẹṣù, Ògún *e* Òòṣàálá.

*Ingressa o Autor, finalmente, em seu objetivo específico, o Ebó no Candomblé, começando pelo mais importante sacrifício (*ẹbọ*), o* Ẹbọrí *(ou* Bọrí*), destinado à cabeça (*Orí*); seguido do oferecimento do* ìgbín *a* Òòsàálá*, um dos mais complexos, delicados e importantes sacrifícios oferecidos (o* ìgbín *é considerado o "boi de Oxalá").*

Finalmente, penetramos no campo mais genérico da prática do ẹbọ*, aquele voltado às demandas que nos são impostas pelo dia-a-dia, para as quais o sacrifício se faz necessário em busca da vitória, do sucesso e do equilíbrio. Constatando a simplicidade e a seriedade de tais práticas rituais, melhor compreender o Leitor os cuidados de que se cercou o Autor antes de revelá-los, fornecendo conhecimentos indispensáveis a quem pretende utilizar-se das sutis energias que envolvem sua prática.*

Autorizamo-nos, pois, a fazer uma última observação àqueles a quem sua leitura se destina: respeito à sua cabeça — à força divina que nela habita —, à cabeça de seu semelhante, são componentes essenciais ao bom êxito de tais práticas, onde o ódio, a mesquinhez e sentimentos baixos não podem encontrar lugar, sob risco de "o feitiço virar contra o feiticeiro". O que costumamos classificar como bem e mal, são faces de uma mesma moeda, cujo valor precisamos saber aferir.

É, portanto, com muito prazer, que apresento ao público leitor mais este trabalho de Orlando J. Santos, O Ebó no Culto aos Orixás, *desejando-lhe — e a todos — sucesso e muito* Àṣẹ.

Ari Araujo

ÍNDICE

Agradecimento VI
Apresentação VII
Introdução **1**
A importância de *Olódùmarè* **3**
O culto de *Òrìṣà* **7**
Ẹ̀ṣù **19**
Assentamento de *Ẹ̀ṣù* (pessoal) **29**
Ẹ̀ṣù Omi Yangí **31**
Os *Òrìṣà* **33**
Ẹ̀ṣù **35**
Ògún **37**
Ọ̀ṣọ́ọ̀sì **39**
Òsọ́nyìn **41**
Lògũn Ẹdẹ **43**
Ọ̀ṣùmàrè **45**
Ọbàlúwàiyé **47**
Ṣòngó **49**
Ọ̀ṣun **51**
Ọya **53**
Yẹmọnja **55**
Nàná **57**
Òrìṣàálá **59**

Assentamento de *Ògún* **61**
Assentamento de *Òrìṣàálá* **75**
Ẹbọri **77**
Orò de sacrifício para o
ìgbín de *Òrìṣàálá* **95**
Ebós de *Odù* e *ẹfọ* **101**
Outros ebós **115**
Palavras finais **126**
Bibliografia **127**

INTRODUÇÃO

Existe a manifestação dos *Òrìsà*, no consciente e no inconsciente dos homens. Existem a razão e a emoção, que geram acertos e desacertos. E a cada passo há sempre algo a ser reformulado, repensado, refeito, modificado. Seja lá o que for, é preciso que se abra um caminho por onde se possa respirar com razão o nosso dia-a-dia.

É necessário refazer a consciência de quem sou *EU*, para encontrar o equilíbrio emocional, adormecido em nosso inconsciente.

Comece, já, a questionar a sua vida com os *òrìṣà* e o porquê dos *òrìṣà* em sua vida.

O meu intuito com este — *O Ebó no Culto aos Orixás* — é fazê-lo ciente de que *ebo* só é importante quando se o faz tendo por finalidade a reestruturação do indivíduo com o meio onde vive.

Se cuide!

O Autor

A IMPORTÂNCIA DE *OLÓDÙMARÈ*

Ele pode ser visto como a base estrutural do Universo. O centro nervoso, ondas eletromagnéticas do buraco negro. Partículas que deram origem à Terra e a todas as formas de vida.

Entretanto, encontramos dificuldades para explicar a essência de *Olódùmarè,* que está intrinsecamente acoplado à fragmentação e expansão do princípio cosmológico*. E isso só nos permite ter idéias aproximadas, não exatas, do que seja Deus. Desta forma, passamos por um processo experimental de laboratório existencial.

Quiçá um dia nos encontremos dentro dos parâmetros previstos por *Olódùmarè,* cuja onipresença está guardada em segredo numa simples partícula de átomo — barreira da existência onde nos tornamos inertes à estrutura global do Universo em que não se enquadram as idéias comuns.

* Nota do Editor: Interessante observar que tal princípio de expansão — do qual *Èṣù* é o agente — coincide com a teoria do Big Bang, a mais provável para a origem do universo, e que acaba de ser atestada pelo astrofísico americano George Smoot.

Assim, a causa-origem de todas as causas continua sendo um grande mistério para o homem que, de todas as formas (com muitas filosofias, crenças e crendices), tenta explicar o inexplicável. E de *Olódùmarè* só é possível explicar o efeito, porque a causa, mesmo quando enquadrada numa visão espiritualista, acaba por esbarrar em um grande porquê, a partir do momento de conceber-se as idéias de tempo e espaço.

Se a vida surgiu a partir de uma transmutação fragmentada de *Olódùmarè*, podemos traduzi-lo da seguinte forma: Dizer — Fazer — Organizar — lançar energia capaz de movimentar-se no espaço vazio e fazer-se onipotente, onipresente e onisciente em relação ao Universo que Ele próprio criou. E a alma da existência passa a ser sombra e o espírito da vida, vento.

Desta forma, o homem continua, como sempre, à mercê do próprio destino, sem muita consciência de si. Ele, então, tem que retroceder ao seu passado, em busca de sua origem — sopro eterno de vida. E entre as vidas eternas estão os *òrìṣà*, porção de *Olódùmarè* feito homem. Estes foram os primeiros seres criados, com a junção de:

ÁGUA + TERRA = BARRO
BARRO + SOPRO DIVINO = MOVIMENTO
MOVIMENTO + ESTRUTURA = HOMEM
HOMEM + CONSCIÊNCIA = *ORÍṢÀ*.

Assim sendo, o homem comum é resultado dessa junção, e dentro dele existem inúmeros pontos a serem tocados para que se transforme continuamente. O processo é lento, porém exato. Para compreender esta colocação é bastante simples: basta olhar o tronco de uma árvore e ver que a natureza se perde em seus ramos, transformando-a em fonte de vida. Entretanto, isto só é possível porque as substâncias de seu porte são sugadas da terra através da raiz.

E nós precisamos fazer isso: entrar em nosso campo magnético em busca da verdade e de nossa origem, bus-

car o tronco com direcionamento para a raiz, para que a ramagem não se perca no nada. . . E a raiz é o nosso *òrìṣà* (antepassado divino), que faz parte da estrutura terrestre e da consciência de *Olódùmarè*. Assim, a importância de *Olódùmarè* é igual à importância que o homem dá para o seu *òrìṣà* — *orí* (cabeça) / *ṣà* (protetor) — ou seja, protetor da cabeça.

O CULTO DE *ÒRÌṢÀ*

O culto de *òrìṣà* está intimamente relacionado com os cuidados que cada um deve ter com a própria cabeça, que é um guia certo, ou incerto, do nosso destino.

O homem tem a tendência natural de olhar para fora, sempre buscando soluções nas periferias do seu *EU* e esquecendo-se quase que completamente de se voltar para dentro de si mesmo onde, sem dúvida, encontrará respostas adequadas às suas perguntas mais intrigantes.

A cabeça pode ser entendida como o micro do macrocosmo no homem. Por ser *Orí* a cabeça física, esta é, portanto, símbolo da cabeça interior chamada *Orí Inú*, que constitui a essência do ser e controla totalmente a personalidade do indivíduo, guiando-o e ajudando-o desde antes do nascimento, durante a vida e após a morte. Esta é, então, a centelha divina no humano.

A cabeça (*Orí*) é a primeira a receber a luz e a receber de Deus (*Olódùmarè*) o destino, na ocasião do nascimento.

Um dos nomes de Deus é *Orísẹ* — fonte da qual originam-se os seres — e, originalmente, todo *Orí* é bom, porém, sujeito a mudanças, pois a sua própria conduta pode transformá-lo negativamente e iniciar-se, assim,

uma série de acontecimentos intermináveis de infelicidades na vida de um homem, a despeito de seus esforços para tentar melhorar.

Em casos assim, o *Orí* precisa, então, de cuidados especiais. É cultuado como uma divindade "parcialmente" independente e recebe oferendas e orações no ato litúrgico conhecido por *Ẹborí*. Desta forma, os adeptos do culto de *òrìṣà* dizem:

Orí mo pè ọ o!
Cabeça, eu te chamo!
Orí rẹ̀ mo kí o!
Cabeça, eu te saúdo!

O Destino do Homem

É preciso compreender que a base do sustento humano é o seu futuro. Onde agora apóia os seus pés, será sua morada eterna. Mais tarde, juntar-se-lhe-á a força estrutural da composição terrestre. Quem hoje é descendente, amanhã será ancestral, e certamente sentir-se-á feliz no espaço-além, por ser lembrado pelos seus descendentes que, não se esquecendo de seus antepassados, procuram, através do culto, melhorar ou, até mesmo, erradicar problemas de origem genética.

Desta forma, o indivíduo que é consciente de si, sabe o *Odù* (destino) que rege a sua ancestralidade e se este tem sido bom para o desenvolvimento material e espiritual da família. Se não tem sido bom, ele então modifica o seu destino familiar. Esta é uma das finalidades do culto aos *Òrìṣà*.

Para exemplificar, digamos que o Odù que rege uma determinada família seja: *Ẹtaògúndá*. Baseado neste código, podemos dizer que esta família é de guerreiros, de homens fortes e valentes. Mas, que tipo de guerreiros? Aqueles que sempre vencem as batalhas? Ou, simplesmente, arrumam confusões, gerando problemas para todos? Se é isto o que ocorre, a providência a ser

tomada é despachar o lado negativo de *Ẹtaògúndá*, que está prejudicando, por exemplo, *Ọtun àiyé* (o lado direito, ancestralidade masculina).

O mesmo pode estar ocorrendo com *Òsì àiyé* (o lado esquerdo, ancestralidade feminina).

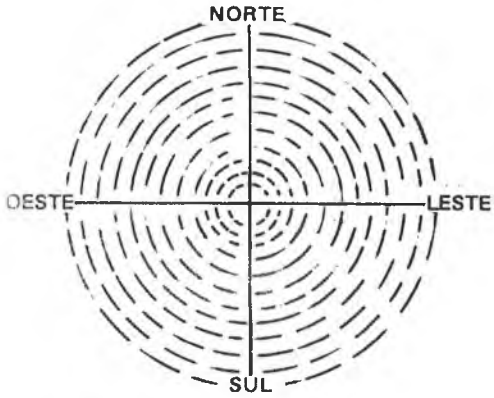
Sabendo de sua origem, o homem conhece a si mesmo. Pode olhar para o *Ìyọ Ọrùn* (origem espiritual), bem como para o *Ìwọ-Ọrùn* (futuro) com dignidade. Despertar *Ọṣùu* (consciência do inconsciente, que é o divino no homem, manifestação de Deus). E Deus não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. É o simples despertar da consciência plena do homem. E o "adversário" é simplesmente aquele que ofusca a consciência para que, nos tropeços da visão mental, o homem se encontre com a luz. Assim sendo, a escuridão é claridade absoluta.

Desperte! Olhe para dentro de si e chame por *Orí*. Verá, assim, o despertar de um Deus forte, capaz de iluminar a sua mente ofuscada pelos preconceitos dos homens.

Veja-se dentro de sua originalidade:



Não podemos esquecer que a Terra é quem conta o tempo — e se conta o tempo, ela sabe de tudo —, e quem sabe de tudo, merece respeito. Além de contar o tempo, gera o espaço que se divide em quatro, e o homem tem os quatro pontos cardeais expressos em si mesmo. Está relacionado ao corpo ("eu" físico), representado pela mente em atividade, criando, simbolizando a inteligência, a ordem, a justiça e o amor em seus aspectos positivos.



Pise no chão com respeito, e ganhe favores do lugar onde vive e do espaço gerado em torno de si.

Deus é isso: é a Natureza em toda a sua plenitude. É o equilíbrio estrutural, emocional e social. O homem não estando envolvido com a Natureza perde a sua "identificação emocional inconsciente" com os próprios fenômenos naturais.

Se ame, se goste, se respeite. Isso é bom! E o resultado do que é bom é sempre satisfatório para muitos. A vida é isso, sem cortes, sem pontas, sem fim e sem começo, sem fobias, sem torturas mentais que levam sempre o indivíduo a uma desestruturação emocional.

A manifestação de Deus é visível no homem de bom caráter, e bom caráter inclui verdade, sinceridade, honestidade e serenidade.

O homem não precisa julgar-se superior a todos os outros e levantar a cabeça acima do normal, dando-nos a percepção clara de sua atrofia mental. Também não precisa curvar-se demais, deixando claro a sua timidez e complexo de inferioridade. Seja normal. Seja divino!. . .

Se você é *bàbálòòrìṣà* (zelador), conscientize-se de sua real condição dentro do culto, não utilizando seus conhecimentos para explorar a falta de experiência dos iniciados.

Se você é *ìyàwó,* ou iniciado de qualquer outro grau dentro da hierarquia existente no Candomblé, lembre-se que o conhecimento dos mais graduados nem sempre constitui sabedoria, portanto, estes não podem utilizar o que sabem para diminuí-lo como pessoa. O simples conhecer pode ser uma arma contra aqueles que não têm pleno domínio do conhecimento.

Sempre que possível faça lembrar aos mais velhos do culto que *Ìyàwó* também é responsável pela continuidade da tradição religiosa. E isso só pode ser realidade quando o iniciado não somente sabe como se faz um ritual, mas também qual a sua finalidade e a que se referem seus atos.

Não se conforme jamais com respostas, tais como: "é segredo reservado aos mais velhos". Se um *bàbálòòrìṣà* age desta forma, ou ele não sabe o que está fazendo, ou então pensa que a sua cabeça é "lixo". Por acaso, pensa ele que a força dos *òrìṣà* vai eternizá-lo sobre a Terra? E que por isso não tem necessidade de transmitir o conhecimento para aqueles que o acompanham? De qualquer forma, este é um tipo de pessoa que não serve para ser o seu *Aláàṣẹ.*

Ìyàwó, se cuide! Se goste! Se respeite! "Quem sabe, morre igual àquele que não sabe", e pelo avesso todos somos iguais. Respeito não inclui necessariamente humilhação. Reconheça o seu lugar e posicione-se da melhor maneira possível. Seja digno do *òrìṣà* ao qual pertence. Deixe seu *orí* brilhar de tal forma que a luz refletida seja como um espelho, onde muitos possam se mirar na fidelidade da sua personalidade.

O Candomblé, hoje, é sem dúvida uma religião com muita freqüência e pouca permanência, e isso se deve à existência de "sacerdotes" inescrupulosos, do tipo que raspa, pinta, catula, adoxa e assenta sem saber o quê. Eu não me cansarei de dizer que a cabeça dos outros não é laboratório de pesquisas. "Fazer" Santo é despertar o adormecido no mais profundo do inconsciente humano, e isso é arte ritualística de manipulação da própria vida, o que, com certeza, não está ao alcance de muita gente.

Assim é que o *íyàwo*, ou até pessoas com títulos de *égbónmí, Ogan,* etc., saem de suas casas de origem em busca de um outro Pai-de-Santo que o adote. Este, por sua vez, sedento por um "axezinho" (dinheiro), e motivado pelo orgulho de ter sob seu *àṣẹ* um filho de outro *bàbálóòrìṣà,* tenta corrigir "erros". Tanto uns como outros, indulgentes, apressados e súbitos, quebram em pedacinhos o que não pode ser reajuntado — a mente humana! Isto é apenas um exemplo do que acontece em decorrência do sacerdócio apressado.

Por isto, antes de "fazer" Santo escolha, e muito bem, o seu *Aláàṣẹ.* Muitos dizem que o *Òrìṣà* é quem escolhe o *bàbálóòrìṣà.* Puro engano, porque o livre arbítrio é, nada mais, nada menos, que o poder absoluto de decisão. E o futuro do homem depende dele decidir o que ele quer hoje, agora. Cuide do seu presente e preserve o seu futuro, em bom estado de equilíbrio. É preferível não ter Santo "feito", do que ter santo "mal feito". E isso pode ser observado, analisado sem muita dificuldade, na própria estrutura sócio-econômica e cultural de boa parte dos adeptos do culto que se julgam com um grande "poder", porém, desprovidos da base estrutural do conhecimento ritual, através da qual é possível atingir a essência, a espiritualidade, ligar o homem aos *òrìṣà* e estes à fonte de vida, tornando-o um veículo de comunicação social, facilitando muito os seus passos sobre a Terra. Havendo comunicação entre os homens, haverá comunicação entre os *òrìṣà*, e conseqüentemente com *Olódùmarè*, que é a fonte de todas as fontes de vida, o consciente e inconsciente do ser.

Isto é possível quando se acorda e se diz:

Orí mi o!
Orí mo pè ọ o!

Sim, chame, convide sua cabeça a participar do seu dia-a-dia. *Orí* é uma divindade com poderes ilimitados, enquanto que os *òrìṣà* não atuam em todos os campos de ação. Além do mais, o poder do *òrìṣà* é igual ao desenvolvimento do *Orí,* a depender da clareza de concepção do indivíduo em relação a uma determinada divindade (*òrìṣà*).

Aqueles que lhe conhecem a origem, hierarquia, gosto e costume, evocações e ritos, conseguem com facilidade atingir a essência do *òrìṣà*. Isto é resultado da concepção limpa. Do saber fazer, sabendo o porquê, o que também é resultante da firmeza do *Orí Inú* — que já despertou a consciência do *EU.*

Assim é que se cultuam os *òrìṣà* acreditando na cabeça e na direção dada à ritualidade.

O conceito que os *yorùbá* têm a respeito dos *òrìṣà* é que todos nós viemos ao mundo para aproveitar devidamente o nosso tempo. E as pessoas que estão envolvidas no culto, no decurso deste tempo, devem aproveitá-lo no aprimoramento das coisas relativas ao estudo e compreensão da ritualidade, de modo a aprender "tudo" sobre os *òrìṣà*, alcançando o respeito, em decorrência do bom senso e de sua força no desenvolvimento dos rituais em que atua.

É sabido por todos que a melhor maneira de se aprender a executar os atos litúrgicos é, sem dúvida, em sua Casa-de-Santo de origem, onde cada iniciado pode participar, questionar seu *Aláàṣẹ* e obter respostas amplas em relação ao que ocorre em dado momento. Assim, vai-se aprendendo, enquanto esclarecem-se as dúvidas. Este é o ambiente adequado a um aprendizado seguro, onde a prática da magia pode provar sua eficácia, em termos de resultados finais. O iniciado pode certificar-se, dia após dia, da potencialidade do culto.

Mas, a verdade é que a transmissão oral deixou e tem deixado lacunas a serem preenchidas. Em decorrência disso, muitos têm se dedicado a escrever livros e mais livros sobre as nossas tradições. Alguns dignos de elogios e outros de péssima qualidade, tanto gráfica, quanto literária e, por que não dizer mesmo, desmoralizadores do culto. De qualquer forma, a preocupação de todos tem sido a de escriturar as diversas formas de culto aos *òrìṣà*, considerando que, por mais tempo de convivência e participação nos ritos afro, não se pode dizer que este ou aquele adepto tenha se tornado um conhecedor profundo de "todas" as práticas.

Apesar da liturgia seguir uma linha *x*, em termos de execução, cada *bàbálóòrìṣà* tem os seus "segredos" guardados debaixo de suas próprias unhas, e ao escrever sobre o tema revela um pouco de seus conhecimentos, do seu *àṣẹ*. Assim, nasce a necessidade de buscar na literatura candomblecista um pouco mais de *Saber*, frisando que conhecimento não é sabedoria, pois esta só se alcança com a vivência. E pensar que alguns "Zeladores" proíbem os seus filhos-de-santo de lerem. . . Será porque sabem demais, ou de menos?

Outro fator importante é que o Candomblé brasileiro tem suas origens em vários pontos da África. Os povos que nos transmitiram o culto fizeram-no de forma idêntica à de suas origens. Porém, 400 anos depois, por mais que nos esforcemos, não conseguiremos realizar o culto como era feito em sua origem. Nossa religião é outra? Não! Tomou forma diferente, foi adaptada a novos costumes.

As mulheres africanas, feitas de *òrìṣà*, por exemplo, são vestidas somente da cintura para baixo. A visão que se tem disso é como se fosse uma banana descascada até a metade, revelando o seu interior. O significado é que a parte em descoberto é sagrada (é Santo), e não pode ser tocada pelo homem, que passa a se interessar pela parte coberta, onde existe mais um mistério a ser desvendado. Isso no Brasil seria um absurdo.

Os povos que transmitiram melhor a visão que ti-

nham sobre o mundo, a vida, e Deus, foram os *yorùbá* (nagô), os *jejes* (Ewe-Fón) e os *congo-angolanos* (bantus). Estes conseguiram sobreviver às pressões, tanto raciais, quanto culturais. Plantaram para sempre o culto de *òrìṣà, Inkice, Vodun*, etc. em terras brasileiras, ainda que mal, devido à perseguição policial e às pressões da religião predominante.

O Candomblé, em seu caráter universal, tem muito mais que manifestação ritualística. Inclui sabedoria, crença, arte, moral, leis e costumes. Isto está presente no pensamento de toda comunidade, de forma implícita e explícita, objetivando compreender a humanidade e a vida, de modo a integrar o indivíduo ao Cosmo.

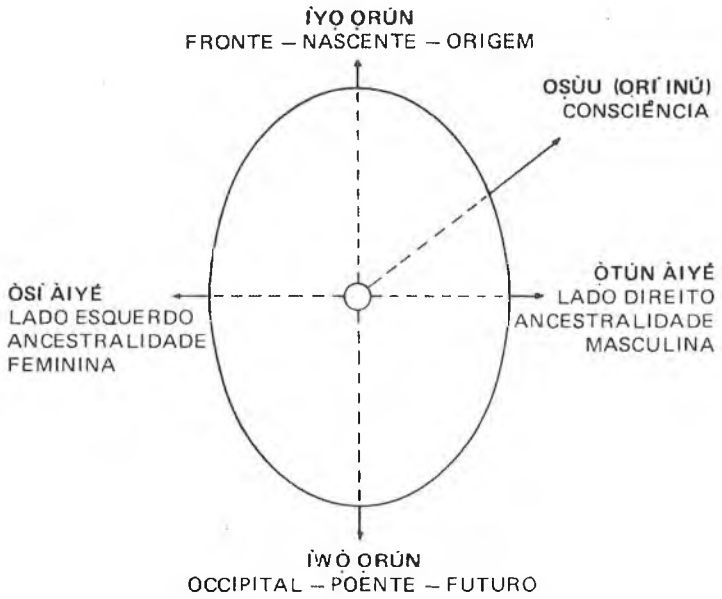
O culto de *òrìṣà* é conhecido como uma das mais antigas religiões do mundo, na história da civilização do homem, e seu objetivo principal é alcançar o entendimento com o Todo, abrindo caminhos de paz, harmonia, moral e fé para a humanidade.

Embora não existam leis escritas que determinem como proceder ritualisticamente, elas fazem parte do saber oral, passado de geração a geração, tornando-as incontestáveis no seio comunitário candomblesta, exatamente por estas leis serem a mola mestra que desenvolve a união de todos os elementos.

O culto é estruturado em:

Olódùmarè — Senhor supremo do destino — DEUS.
Irúnmọlẹ̀ — Seres divinos de comunicação à *Olódùmarè*.
Òrìṣà — São *Irúnmọlẹ̀s* de comunicação.
Òrúnmìlà — Divindade da sabedoria e patrono do oráculo de *Ifá-Ọpẹ̀lẹ̀* e de *Ifá-Olokum*.
Egúngún — São espíritos dos ancestrais.

Os quatro pontos cardeais simbolizam o Universo como um todo. Por sua vez, os componentes do Universo são reagrupados, pertencendo a um desses quatro pontos. Assim, temos: o masculino à direita, o feminino à esquerda, a cabeça para o nascente (origem) e os pés para o poente (futuro).



A crença geral é que *Olódùmarè* é o criador do Universo e de tudo que existe. Espalhou seus poderes sobre as coisas de tal forma que seu próprio nome revela as características do poder que possui – Deus – em relação ao Universo que ele próprio criou.

Os *òrìṣà* são divindades intermediárias de comunicação. Tendo cada um a responsabilidade de guiar os espíritos para a companhia daqueles da mesma linhagem. Cada um deles tem o seu dia sagrado, alimentos, animais para sacrifícios e folhas adequadas à sua forma específica de comunicação. A sua importância está intrinsecamente relacionada com a sua especialidade, o domínio que tem sobre um determinado elemento da Natureza, caracterizando assim o seu poder espiritual e o seu meio de atuação. Desta forma, a grandeza de um determinado *òrìṣà* não é tão essencial, mas a inter-relação entre um e outro é que é realmente importante.

As sociedades africanas têm uma concepção dual sobre a existência e os fenômenos da Natureza. O pri-

meiro relaciona-se com a existência no *Àiyé* (terra habitada); e no *Ọ̀run* (espaço além). O segundo refere-se aos fenômenos naturais.

Cada indivíduo possui seu espírito específico (*Orí*). Este, por sua vez, encontra-se agrupado com outros de mesma linhagem ou caráter (*Ẹ̀gbẹ́ Ọ̀run* — grupo ou membro de origem espiritual).

No que diz respeito aos fenômenos naturais, o que afeta a um membro de um *Ẹ̀gbẹ́ Ọ̀run* afeta da mesma forma a um membro do *Ẹ̀gbẹ́ Aiyé.* Assim, todos na Terra têm seu *doublé* no além, e a atuação do homem é a atuação de *Olódùmarè* (Deus), no plano natural e sobrenatural.

Ritualisticamente, acredita-se que todas as coisas da Natureza, tais como pedra, areia, madeira, água, planta, etc., possuem essências que podem ser "extraídas" e utilizadas para se fazer algo em benefício dos homens.

Rituais são promovidos e correspondem à eficácia de nossas rezas que abrem facilmente um canal de comunicação dos nossos desejos a Deus. Mas estes rituais variam em forma e ordem. É preciso saber o tipo certo e essa determinação advém de *Ifá-Olokun.* E quando é feito dentro das especificações corretas, os resultados serão sempre satisfatórios.

Todos os ritos da prática religiosa são sistematizados. Desde encantação, consulta do jogo dos búzios, sacrifícios, oferendas, danças, músicas e mesmo o aparentemente simples ato de colher ervas são revestidos de bastante objetividade.

A preocupação principal é o bem-estar da coletividade, cuja responsabilidade de cada membro varia de acordo com o seu nível de conhecimento. O principal objetivo é saber fazer sem, necessariamente, ter contato com a negatividade.

Desta forma, o Candomblé é uma variante religiosa forte. Cada membro detém, no hálito, no olhar, no andar, nas mãos e no pensamento, um poder genérico espiritual. Às vezes de caráter imperceptível. Mas a verdade é que os adeptos não têm somente este poder, como

também podem atuar nas conseqüências deste mesmo poder. Onde tudo pode ser feito, ou desfeito.

O objetivo deste nosso trabalho é tentar revelar a simplicidade contida na complexidade dos ritos sacrificiais denominados *ẹbọ*.

ÈṢÙ

Èṣù, divindade criada desde os tempos primordiais, é o porteiro de *Olódùmarè* (Deus). Representante dos homens e dos *Òrìṣà*. Preconceituosamente, é visto como a negação da bondade e, não raramente, associado ao demônio da visão religiosa cristã.

Todavia, é ele — *Èṣù* — quem estabelece a extensa rede de comunicação entre os seres e a natureza divina que os circunda.

Está inerentemente relacionado às partículas atômicas ou subatômicas; às cargas elétricas ou eletrônicas que o sangue se encarrega de distribuir.

Èṣù aparece com agente do plasma sangüíneo e bioelétrico. Ele, na verdade, está associado a vários tipos de radiações energéticas que formam complexos agrupamentos que logo se auto-organizam como uma rede de forças uniformes, ou seja, uma coleção de partículas (elétrons, íons, partículas neutras), ligadas à produção de radiações e oscilações de caracteres diversos. Assim, o "plasma biológico" (*Èṣù*), permite estabelecer uma correlação entre os processos internos do organismo e as condições externas do ambiente.

Desta forma, o plasma pode ser definido como a manifestação bioelétrica natural de todo organismo vivo,

que interage com os distintos campos existentes em torno de si ou meio externo. Com a ajuda dele, cada organismo pode pulsar em harmonia com o Universo.

O *Èṣù* do plasma sangüíneo é o *Èṣù Bara* (rei do corpo) e todos o têm como individual. É o que chamamos de *Èṣù* pessoal. O indivíduo já nasce com ele. É o elemento animador da matéria. *Èṣù* anima os seres, e deles se nutre até o desvanecer da matéria, cuja constituição lhe pertence — Água + Terra — que deu origem à *Èṣù Oni-Yangí*, cujas características são as mesmas do homem, e se manifesta através da bondade e da maldade humana.

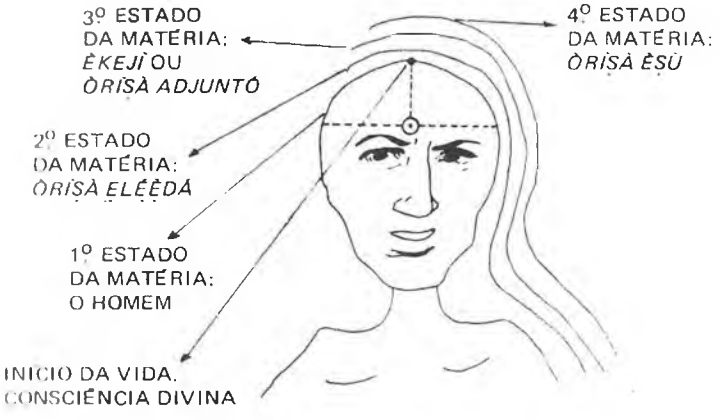
Desta forma, é como se todos nós fôssemos "meio" *Èṣù* e "meio" *Olódùmarè*. Se a vida nos foi doada por *Olódùmarè*, esta certamente não se perpetuaria, não fosse o sangue doado por *Èṣù*, que também é divino e se manifesta em tudo e em todos.

A verdade é que somos filhos dessa junção: barro + *èémí* (sopro divino). Enquanto a matéria fica no futuro, a essência do ser volta à origem e, por outro lado, nem tudo é pó. Porque *Èṣù* é a metamorfose — o grande transformador —, organizador físico e espiritual. Criado especialmente para inspecionar os feitos dos homens e dos *Òrìṣà*. Ele atua em todos os níveis, espalhando ou distribuindo o *àṣẹ* dos homens, dos *Òrìṣà* e de *Olódùmarè*.

Este mesmo *Èṣù Bara* cria, com a própria força interna do homem (fluido energético humano), o *Èṣù* bioelétrico — ou *Èṣù* social. Este é o intermediário de comunicação, já que as partículas de átomo, íons e partículas neutras vão se agrupando até adquirir vida própria e se instalar no quarto estado da matéria (4ª circunferência do corpo). Neste caso, ele aparece como *Èṣù oòtá òrìṣà*.

O primeiro *òrìṣà* (*ẹlẹ́ẹ̀dá*), está fixado no segundo estado da matéria, e o segundo *òrìṣà* (*adjuntŏ*) no terceiro estado. Assim, qualquer informação que vier de fora ou de dentro necessariamente tem que passar por *Èṣù*. Como *Èṣù* saiu de dentro, a sua tendência é escapar do

homem, fugir, cortar qualquer elo de ligação existente. Quando *Èsù* começa a se distanciar da matéria, as extremidades (pés e mãos) do homem ficam frios. Há necessidade, então, de fazer culto, chamá-lo de volta, para energizar novamente o corpo.



É comum ouvirmos, no meio candomblecista, frases assim: "*Èṣù* está frio", ou então, "*Èṣù* está quentinho". Quando *Èṣù* está quente (próximo), a esfera do indivíduo é vermelha e sua pele, por mais que a temperatura ambiente esteja baixa, é quente.

Quando *Èṣú* se afasta do corpo do homem, a sua esfera (muitos a chamam de aura) fica completamente azul. O sujeito passa a agir com absoluta emoção, acaba se perdendo e desorganizando sua vida, já que as informações de fora não chegam corretas ao cérebro, da mesma forma que as de dentro não atingem a consciência do Todo.

O que precisa ser entendido é que o nosso plasma bioelétrico (*Èṣù*) não tem o mínimo interesse em nos passar estas informações, exatamente pelo fato de ele animar a matéria, sair dela e se nutrir dela própria. Mais um motivo de se fazer culto e estar de bom acordo com *Èṣù*. Seu elemento é o fogo, e este nada mais é do que um elemento bioplasmático (a ciência há de confirmar isso).

O dualismo é a característica do Universo, pois tudo está apoiado em dois pólos. Assim, *Èṣù* age com expressa permissão de *Olódùmarè*. Se ele é o mensageiro dos *Òrìṣà*, é porque só ele pode dar movimento às coisas, por conseguinte, somente ele pode transportar a mensagem do som que sai. Esta é uma das razões de *Èṣù* ocupar um lugar de destaque em toda liturgia candomblecista e receber oferendas antes de todos os *Òrìṣà*.

Èṣù é a expansão de vida que transpira por todos os poros do Universo, como se fosse uma peneira, filtrando todas as impurezas psíquicas e comportamentais dos seres. Por isso, os que não estão seguros do próprio caráter, dizem:

Èṣù máṣé mi ọmọ
ẹlòmíràn ní o ṣé.
Exu, não me faça mal, faça mal
ao filho de outra pessoa.

Todos do culto de *Òrìṣà* querem estar de bom acordo com *Èṣù*, sem necessariamente estar de amores com ele. Fundamentado apenas em um profundo conhecimento de si mesmo, tendo consciência de que *Èṣù* é o movimento da própria existência.

Èsù a ńlá K'alú.
Exu, aquele cuja grandeza se manifesta
em todo lugar.

Se todos têm o seu *Èsù Bara*, logo ele é individual, porque a composição orgânica de cada um é diversificada. O comportamento, então, passa a ser único, e *Èṣù* passa a ser o ajuste, o corretivo, o gerador da consciência e do refletir. Cabe ao homem optar por seu lado *Ẹbọra* (força caótica, acoplada à própria natureza de forma incontrolável), ou seu lado *irúnmọ̀nlè* (ser divino, com responsabilidades a cumprir, na Terra e no Espaço, gerados em torno do próprio homem). Cada ação do homem gera uma reação, e o presente é sem dúvida o filho do

passado, da mesma forma que o futuro é o filho do presente.

Èṣù é força completa, quando dele se diz:

Logémọ̀n ọ̀run
Senhor poderoso no òrun.

Aláagbára
Senhor do poder

ou então:

Ẹlẹ́gbára
Senhor da força.

É o comunicador, o intermediador. É a palavra de *Olódùmarè*, o equilibrador de tudo, do todo. É a capacidade dinâmica da vida.

Na teologia *Yorùbá, Èṣú* é a divindade por ordem da unidade psíquica do Ser que deu origem ao movimento de Luz, objeto central de estabilidade coletiva do homem. Ele é descrito com um caráter tão versátil que devemos ser cautelosos a respeito do que dissermos sobre ele.

Èṣú é certamente um *òrìṣà* inclassificável (em qualquer concepção que não seja de dentro da teologia *Yorùbá*). Ele é muito mais que as informações que o classificam como isto ou aquilo. Ele não foi um ser humano deificado, como algumas divindades que conhecemos. Ele é uma das principais divindades do céu, onde estava com *Olódùmarè* desde o princípio da criação. Nasceu juntamente com o Universo. É o ministro do espaço e serve à vontade da criação.

É a divindade mão direita de *Ọ̀rúnmìlá* (*Òrìṣa* da sabedoria). É primordialmente um "relações públicas especial" entre o céu e a terra, o inspetor geral que comunica regularmente à *Olódùmarè* os feitos dos homens e das divindades.

Testa e faz relatórios sobre a exatidão dos cultos e

dos sacrifícios em particular. O seu dever consiste em ouvir *Ọrúnmìlà* e declarar a sua vontade para os homens, mesmo que essa vontade gere alguns atrapalhos para o homem para que, dentro das armadilhas de *Èṣù*, este possa novamente se encontrar com Deus.

A lenda que apresento a seguir ilustra muito bem a conduta moral do homem e a ação de *Èṣù* para despertar a sua consciência:

Ésù, o Mercador de Filá

Certo homem tinha duas lindas esposas, as quais ele amava igualmente e que estavam no melhor dos termos. Tão pacífica era a casa onde eles viviam que se tornaram para seus vizinhos modelos de harmonia conjugal e familiar. As pessoas achavam que nada poderia perturbar as felizes relações que existiam entre eles. *Èṣù* soube disso e não gostou. Assim, ele esquematizou uma armadilha para eles de modo astuto e usual. Fez um *filá* muito bonito, transformou-se num comerciante e colocu-o à venda no mercado, tendo cuidado, porém, em não vendê-lo a ninguém, até aparecer uma das duas esposas para comprá-lo. Uma delas, ao visualizar o *filá,* imediatamente o adquiriu e alegremente o levou para presenteá-lo ao marido. Este, ao receber o belo presente, ficou tão agradavelmente surpreso que, inconscientemente, demonstrou sua apreciação e gratidão de um modo que tornou a outra esposa desconfiada e ciumenta. Esta, porém, nada disse. Aguardou apreensivamente e com inquietação crescente o próximo dia de feira. Quando o dia chegou, ela foi bem cedo ao mercado em busca de um presente bem melhor, e a qualquer custo, para seu marido. E la esta *Èṣù,* esperando-a com outro *filá* que, comparado com o primeiro, engrandecia-o em graça e beleza. Triunfante, a segunda esposa comprou este novo *filá* e o levou para casa dando-o ao

marido. O efeito foi mágico, tornando-a, assim, a preferida do marido. Do jeito que *Èsù* queria: o palco estava armado para a rivalidade aguçada entre as duas esposas, cada uma empenhando-se para sobrepujar a outra no perigoso jogo de ganhar o amor do marido. *Èṣù*, vindo em auxílio de cada uma na sua vez do jogo, e o humor do marido balançando da direita para a esquerda com a chegada de presentes cada vez mais bonitos. Quando *Èṣù* ficou satisfeito, as peças tinham sido bem colocadas como um quebra-cabeças, e a desastrosa explosão inevitavelmente ocorreria. Então, ele abruptamente deixou de ir ao mercado. A próxima esposa em visita a feira ficou frustrada, não encontrando mais o "tal comerciante". Voltou para casa em grande fúria.

Sendo assim, o objetivo de *Èṣù* em desarmonizar aquela família, no que estivera trabalhando com grande malícia, por fim aconteceu, ocorrendo então uma grande tragédia.

A ação de *Èṣù* pode ser vista como simplesmente maldosa, mas é o tipo de maldade que gera justiça e exemplo social. Então, pergunto: *Èṣù* é o Demônio? Não! *Èṣù* é a ação de *Olódùmarè* no destino dos homens e na organização da vida. Ele é bom, o que não é bom é o comportamento do homem.

Èṣù, nesta lenda, não aparece como guardião dos sacrifícios, e sim como guardião dos bons costumes.

Èṣù senta-se no pé do indivíduo, e este passa a respirar com muita dificuldade, o ar fica muito pesado, o sol muito quente, o frio demasiado. O indivíduo chora e *Èṣù* chora com ele.

Èṣù arranja problema onde não há problema. A verdade é que ele cumpre sua missão de agente universal do bem e do mal.

Ele é aquele que dorme em casa e tranca a porta com um porrete. É uma divindade bastante sensível, fica indignado por qualquer motivo. Parece possuir um poder que somente *Olódùmarè* pode conter. Uma palavra dita

em momento não apropriado pode despertar a sua ira. *Èṣù* joga nos dois times sem constrangimento. Anda senhorialmente, sutilmente, balançando-se para a direita e para a esquerda; é o Dono do Corpo. E os *Yorùbá* são bastante cuidadosos neste sentido. Referem-se a *Èsù*, dizendo:

Orí mi máà (jẹ́kí)
mo rí ìjà rẹ̀.
Minha cabeça não vai permitir que eu
experimente a sua fúria.

Na verdade, ele é temido até pelas outras divindades, e isso ocorre em virtude de seu ofício. *Èṣù* tem o poder de vida e morte sobre todos. Além do mais, é incidentalmente malicioso, um fazedor de travessuras, capaz de causar grandes confusões. Provocando situações complicadas ou promovendo malícia entre as pessoas. Por isso, é melhor estar de bom acordo com *Èṣù*, ele quebra em pedacinhos o que não pode ser reajuntado.

Certa vez, *Ṣòngó* dizia, gabando-se, que não havia nenhum *òrìṣà* que ele não pudesse dominar. *Èṣù* logo o desafiou:

— Isto inclui a mim?

Ṣòngó imediatamente replicou, desculpando-se:

— Mas por que? Certamente você não poderia ter sido incluído!

Há quem diga que a força primordial de *Èṣù*, neste mundo, é armar emboscadas e criar situações dúbias, mas, mesmo assim, não podemos associá-lo ao Diabo.

Èṣù, em nossa concepção, é apenas a interação bioenergética entre um homem e os demais. É a combinação dos plasmas biológicos entre si. E quando não há equilíbrio plasmático, o homem cedo ou tarde fica enfermo: do corpo, da mente e da alma.

Os *Yorùbá* entendem que para tudo correr bem é necessário que o homem esteja harmoniosamente em contato com as vibrações positivas de *Èṣù*. Depositam toda a sua fé em suas capacidades benevolentes e protetoras.

Ele ocupa uma posição de destaque. É representado por um símbolo que é levantado no centro da cidade ou povoado, o que é freqüentemente repetido dentro de casa e em portas de templos, onde se cultuam os *òrìṣà*. As pessoas se dirigem à *Ẹ̀ṣù* religiosamente, de modo a buscar com ele um bom relacionamento.

Há lugares onde festivais são promovidos anualmente em seu nome. Em *Ilé Olují*, esse acontecimento se dá em fevereiro, para marcar o cultivo anual da terra. Os *Yorùbá* organizam esse festival para pedir as bênçãos de *Ẹ̀ṣù*, acalmando-o, para que tudo corra bem com o trabalho durante o ano. Ele é, indubitavelmente, uma das principas divindades dos *Yorùbá*. Não há lugar onde não seja cultuado e propiciado.

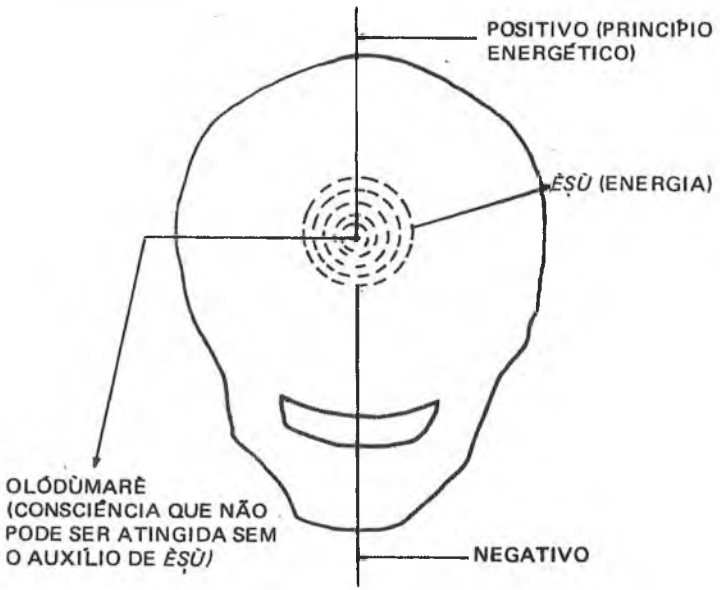
A nossa visão é que *Olódùmarè* e *Èṣù* são justos. Agora, se a justiça aplicada resulta em descontentamento para o sujeito, isto acontece em decorrência de seu comportamento. A justiça em si não é boa e nem má, é simplesmente justiça!

Assim, na mente dos candomblecistas, não existe o conceito do bem e mal. Não temos um Deus da luz e outro das trevas. Temos o Universo como um Todo, manifestação de *Olódùmarè* (o Deus Supremo). O que acontece, porém, é que somos um povo que "divide" Deus em diversas partes. Acreditamos que cada elemento ou fenômeno da natureza seja uma manifestação única de Seu poder. O nosso objetivo é estar de bom acordo com todos os elementos, de modo a abraçarmos somente o lado favorável. A água (*Ọ̀ṣun*) deve servir para manter a nossa harmonia orgânica, saciar a nossa sede e outras tantas finalidades inumeráveis. É claro que a água é um atributo maravilhoso de *Olódùmarè,* e está presente desde a gestação do ser. E a falta desta, mata os seres, mata a vida. Ao mesmo tempo, ela pode provocar doenças terríveis. Isso, os candomblecistas atribuem à ira de *Ọ̀ṣun*. Desta forma, cada *Òrìṣà* corresponde a um elemento da natureza, sem contudo deixar de ser UM em relação ao Universo.

Quando fazemos culto a um determinado elemento da

natureza (*Òrìṣà*), como por exemplo: ao raio (*Ṣòngó*) representante da ira de *Olódùmarè,* o nosso objetivo é atingir a essência, a consciência de *Olódùmarè* como um todo. Acreditamos que cada ação gera uma reação proporcional ao som emitido. Saudamos a sua origem, fazendo referência às suas qualidades de energizador da terra sem esquecer, contudo, de seu poder destruidor que racha pilão, paredes, árvores, etc. Desta forma, a nossa consciência é completa e a nossa fé não é cega.

Fazemos referência às suas qualidades, com bastante objetividade, acreditando no poder criador e transformador da *palavra.*



EM TUDO NA VIDA SÓ A JUNÇÃO DE DOIS PÓLOS PODE GERAR ENERGIA PARA GARANTIR O MOVIMENTO

Èṣù ọ jíré ó?
Exu, você amanheceu bem?

ASSENTAMENTO DE *ÈṢÙ* (pessoal)

— 200 (duzentas) pedras de caminho (redondinhas)*
— 6 (seis) penas de *odíḍẹ***
— tecido vermelho
— muitos búzios
— uma cabaça grande,

Procedimento:

Pega-se a cabaça e corta-se ao meio, na horizontal. Reveste-se com o tecido e enfeita-se com búzios, nas bordas. Fazem-se seis furos em torno da cuia superior e enfeita-se com os *ìkóòdidẹ.* As pedras põem-se dentro da cuia inferior.

Folhas de Ésù

— Mamona
— Pega-pinto

* O número 200 (*igba*) significa "grande quantidade".
** As penas do pássaro *odíḍẹ* são chamadas de *ìkóòdidẹ.*

– Folha-da-costa
– Folha-da-fortuna
– Bredo sem espinho
– Alfavaquinha
– Malmequer bravo
– Folha-de-fogo
– Cansanção-de-porco
– Carrapicho-de-agulha.

Sacrifício

– Um frango vermelho
– Uma galinha-d'angola.

Oferendas

– Um *obi* dividido em duzentas partes (em cima de *Èṣù*)
– Um *orógbó*
– Seis bifes assados no forno e temperados com: *ataare*, azeite-de-dendê e cebola.
– Gin seco.

Obs.: – Nunca se deve despejar mel sobre o assentamento de *Èṣù*. E também nunca se deve exagerar na quantidade de azeite-de-dendê. O que ocorre é o seguinte: quando se oferece gin (que é uma bebida extremamente quente), é como se fosse fogo em cima de *Èṣù*. Se colocarmos óleo em cima de qualquer fogo, a tendência dele é aumentar mas, se exagerarmos na quantidade, o fogo se apaga.

– Quem tem este tipo de *Èṣù* assentado, deve, todos os dias, antes de lavar a boca, mastigar um *ataare*, destampar o assentamento, rezar os *oríkì* e fazer os pedidos para o dia. O maior problema dos candomblecistas é não encontrar tempo para fazer um culto contínuo e conceptivo.

ÈṢÙ OMI YANGÍ



Este é o *Èṣù* da comunidade. É o guardião dos terreiros de Candomblé.

Sua composição é de acordo com os fundamentos de cada Zelador. Todavia, quando se tem concepção limpa a respeito do caráter de *Èṣù*, ele é preparado com: argila, matéria inicial à existência humana; e ferro, que entra apenas para formar sua estrutura.

Os animais de sacrifício são os mesmos do *Èṣù* pessoal. A diferença é que qualquer um dos membros da comunidade pode ir no pé deste *Èṣù* e fazer seus pedidos e reclamações. E é neste caso que mora o perigo, porque nota-se que os mais novos não têm se preocupado muito com os efeitos que um simples pensamento pode provocar.

OS *ÒRÌṢÀ*

O destino das pessoas é regido pelos *Odù*, predestinação de tudo o que existe no Universo, favoráveis ou desfavoráveis à vida, em todos os sentidos.

Cada Odù, portanto, está dividido em duas categorias: positivo e negativo, e representa a mais alta manifestação da energia cósmica — de onde nasceu a vida —, e que deu origem aos *Òrìṣà* bàsicos, surgindo, assim, outros *Òrìṣà*, mutações dos primeiros, dando origem a uma linhagem de descendentes que chegam até nós por este fio que nos liga à ancestralidade.

Deste modo, todos nós somos *Òrìṣà* de comunicação e a manifestação do homem é a manifestação da natureza e de Deus.



ÈṢÙ

Em sua origem cosmogenética é o responsável pela existência da vida na Terra. É, portanto, o inspetor de *Olódùmarè* (Deus), desde os tempos primordiais.

É o viajante da rota céu ⟷ terra, muito veloz, e pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Todos precisam abraçar seu lado favorável, de modo a transitar pelas encruzilhadas da vida sem serem perturbados por ele.

Os *Òrìṣà* dependem de *Èṣù* para fazerem transmitir as comunicações dos homens a Deus, pelo fato dele estar localizado no meio das encruzilhadas de três pontas, de onde são gerados vários caminhos, tornando-o, assim, o tradutor divino das mensagens de *Ọ̀rúnmìlà* (divindade do Oráculo de *Ifá*).

É uma divindade do fogo, associada ao movimento e ao processo de criação dos seres. É, portanto, um *Òrìṣà* da fertilidade e procriação.

Enquanto o homem respira pelas narinas, *Èṣù* respira por todos os poros. Está associado aos elétrons, à energia, cuja grandeza se manifesta em toda a parte.

Èṣù máṣé mi ọmọ
ẹlòmírọ̀n ní ó ṣẹ̀
Exu, não me faça mal,
faça mal ao filho de outra pessoa

Cores: vermelho e preto
Dia: segunda-feira
Natureza: encruzilhadas de três pontas (*oríta méta*)
Metal: bronze
Saudação: *Laróyè!*
Contas: miçangas azul-arroxeado
Emblema: *ọgọ̀* (porrete), *àdó* (cabaça).



ÒGÚN

É o *Òrìṣà* dos caminhos, da prosperidade e da sabedoria. Está associado ao ferro, elemento essencial à construção de qualquer objeto.

É senhor de dois facões; um ele usa para cortar a horta, e o outro para abrir caminhos. Mesmo tendo água em casa, banha-se com sangue. Em vez de roupa, usa fogo para se cobrir. Está associado às lavas vulcânicas e sua fúria, quando experimentada pelo homem, é desintegração na certa.

É um *Òrìṣà* nervoso, colérico, que fere e mata. É valente e sanguinário. Com sua natureza tenaz, faz ou desfaz, desconhece totalmente a razão e age somente pela emoção. Está agregado ao sulfato ferroso do fígado, centro das emoções e sensações humanas.

É o dono da forja, da casa e do espaço fora dela. Portanto, é um vencedor de batalhas. Remove os obstáculos e abre os caminhos da modelação da disposição orgânica.

Tem o poder do fogo e anda lado a lado com *Èṣù*. Enquanto *Èṣù* é o ponto central do triângulo, *Ògún* representa os caminhos gerados pelo triângulo.

É um *Òrìṣà* de vitória, o grande conselheiro na hora de se escolher novos caminhos a seguir. Por esta razão se diz:

Ògún ó sìn imọnlè!
Ogun, o *ímọnlè* a quem servirei

Cor: azul-marinho ou verde
Dia: terça-feira
Natureza: jazidas de ferro, caminhos, matas
Metal: ferro
Saudação: *Ògún yè!*
Contas: miçangas azul-marinho ou verdes
Emblema: *Àdá méjì* (dois facões).



ỌṢỌỌSÌ

É um *Òrìsà* que está associado ao frio, neblina, orvalho e a tudo que nasce e cresce. Por conseguinte, está relacionado com a fotossíntese — fixação do gás carbônico do ar, através da ação da radiação solar. Como a clorofila tem participação fundamental neste processo, *Ọṣọ́ọ̀sì* se torna o irmão de *Ọṣọ́nyìn*, que é o *Òrìṣà* da essência vegetal.

Sendo caçador e dominador da fauna e da flora, gera progressos e riquezas ao homem, proporcionando a manutenção do sustento.

É um caçador que usa *ọfà* (arco e flecha), arma poderosa. *Ọṣọ́ọ̀sì* quando bloqueia o caminho, não o desimpede. Por isso se diz:

Ọdẹ ó! Máà sifí ọfà rẹ̀
Lẹ́yè mi!
Oh, caçador! Não atire sofrimentos em
minha vida, com o seu arco

Cores: azul-turquesa e azul com dourado
Dia: quinta-feira
Natureza: florestas, selvas, árvores
Metal: latão
Saudação: *Ọkè àró!*
Contas: miçangas azul-claro
Emblema: *Ọfà* (arco e flecha) e *ìrùkẹ̀rẹ̀* (rabo de boi).



ỌSỌ́NYÌN

É o senhor absoluto das vegetações. *Òrìṣà* das folhas e de suas aplicações litúrgicas e toda composição mágica do Candomblé.

Nada se faz sem *Ọṣọ́nyìn*; ele é o detentor da força, do *Àṣẹ*, indispensável para as divindades. Foi *Ọṣọ́nyìn* quem ensinou a *Ifá* a arte curativa. É sempre evocado quando as coisas não vão bem.

É o senhor da magia e da medicina, como *Èṣù*; é o companheiro indispensável de *Ọ̀rúnmìlà*.

Portador essencialmente de energias cósmicas que conferem ao ser humano o maravilhoso poder de raciocínio. Por isso se diz:

Ọṣọ́nyìn o! Jẹ́ ewé ó jẹ́ o
Ọṣọ́nyìn o! Jẹ́ oògùn ó jẹ́ o
Ó Ossain, permita que a folha produza seu efeito.
Ó Ossain, permita que a magia e a medicina produzam seus efeitos.

Cor: verde
Dia: terça-feira
Natureza: floresta, folhas e raízes
Metais: ferro, prata, estanho, latão
Saudação: *Ewé, ewé Ọṣọ́nyìn!*
Contas: miçangas verdes e brancas
Emblema: galhos de café com frutos.



LÒGÚN EDẸ

É também um guerreiro entre os *Òrìṣà*. Surge como divindade dentro do *runkọ* (camarinha), onde é feita a junção de *Ọṣọ́ọ̀sì* com *Ọṣun*, passando a ser o mensageiro de *Ọṣun Yépọnda*.

É um caçador habilidoso; em terra firme se alimenta de caça e, submerso, alimenta-se de peixes. É, portanto, uma divindade que domina o poder de mutação e transforma-se no que quiser. Por isso se diz:

Ològún, fihọ̀n awọ
funfun Lóni, ni ọ̀la
ó yíóò fihọ̀n dúdú
Logun, mostra a pele que desejar.
Se mostrar pele clara hoje,
amanhã mostrará pele escura.

Cores: azul-claro com amarelo-ouro
Dias: quinta e sábado
Natureza: rios e matas
Metais: cobre, ouro e latão
Saudação: *Lóòsì, lóòsì Lògún!*
Contas: miçangas azul-claro alternadas com amarelo-ouro
Emblema: *Ofà e abèbè*.



ÒṢÙMÀRÈ

É o *Òrìṣà* da riqueza (material e espiritual). Está associado ao ciclo vital, símbolo de continuidade da vida. É representado por uma serpente, que, rastejando sobre a Terra, desenhou vales e rios.

É o *Òrìṣà* que controla e regula os movimentos celestes. Simboliza a atividade, a continuidade e a permanência. Sua comunicação com os homens é expressa pelo arco-íris, o que revela as suas múltiplas funções. Leva água dos mares, transformando-a em chuva, trazendo o raio e o trovão à Terra, garantindo a fertilidade e o crescimento dos elementos da natureza. Por isso se diz:

Àróbò bọ yi!
Aquele que vai, dá a volta e continua!

Cores: verde e amarelo
Dia: terça-feira
Natureza: arco-íris
Metal: ouro
Saudação: *Àróbò bo yi!*
Contas: miçangas verdes e amarelas e brajá de búzios
Emblema: *Ejò méjì idẹ* (duas cobras de bronze ou latão).



ỌBÀLÚWÀIYÉ

É a divindade da morte e somente ele pode evitá-la. É considerado o Rei do Mundo e está associado à radiação solar, o que lhe confere o título de *Bàbá ìgbónọ̀n* — Pai do fogo.

É um *Òrìṣà* ambivalente e a ele são atribuídas as doenças contagiosas. A febre, doenças de pele, cegueira, surdez, catapora e sarampo são considerados manifestações de *Obàlúwàiyé*, que utiliza estes meios para levar os seres humanos à regeneração de algum mau costume. Por isso se diz:

Atótóo!
Silêncio!

Cores: preto, vermelho e branco
Dia: segunda-feira
Natureza: sol, terra
Metal: zinco, estanho
Saudação: *Atótóo!*
Contas: miçangas pretas, vermelhas e brancas
Emblema: *Ṣàṣàra* (cetro), cabaça.



ṢỌNGÓ

Ser humano deificado, representado pelas forças violentas da natureza. Foi associado à *Jàkúta*, divindade que luta com pedras, que expressa a ira de *Olódùmarè*, através do raio e do trovão.

É um *Òrìṣà* que persegue os ladrões, mentirosos e malfeitores, para esfregar suas caras no chão, sem piedade. Isso ocorre porque *Ṣòngó* é um *Òrìṣà* que rola no chão quem o ofende, da mesma maneira que um novelo de lã. Por isso, seus adeptos sempre pedem a ele para que não os deixe infringir as leis dos homens, e que de suas bocas não saiam palavras que venham a ofender alguém. Por isso se diz:

Ṣòngó, òòṣà tió bẹ̀rù ológbò.

Xangô, a divindade que assusta até o gato.

Cores: vermelho e branco
Dia: quarta-feira
Natureza: raios, trovões, pedreiras, meteoros
Metal: bronze
Saudação: *Ká wòóo, ká biyè sí!*
Contas: miçangas vermelhas e brancas
Emblema: *Sẹ́rẹ́* (cabaça de pescoço alongado).



ỌṢUN

É a graciosa mãe das águas profundas. Divindade dos rios, fontes e regatos.

Òrìṣà que enfeita seus filhos com ouro e fica muito tempo no fundo das águas gerando riquezas; que conhece o segredo da vida, mas não o revela.

Mãe procriadora, está associada a fisiologia feminina. Preside a menstruação, gestação e nascimento. É considerada a dona do ovo, símbolo de fertilidade, a maior célula viva, e que evoca a idéia de fartura e riqueza.

Em uma de suas qualidades, tem-se *Ọṣun Àpárá*, senhora das águas frescas, dotada de força masculina, guerreira que, ao se fazer presente, rodopia como o vento, sem que possamos vê-la, apenas ouvi-la, com sua voz afinada que se assemelha ao canto do *ẹ̀gà* (pássaro amarelo). É por esta razão que muitos a confundem com *Ọya* (*òrìṣà* do vento).

Enfrenta pessoas poderosas e com sabedoria as acalma com sua doce água que flui sem cessar. Por isso se diz:

Ọra yéyé, gbèmi!
Mãe grandiosa, proteja-me!

Cores: amarelo-ouro ou cinza
Dias: quinta e sábado
Natureza: água doce, rios, lagos e cachoeiras
Metal: cobre (considerado um metal nobre, representante do ouro)
Saudação: *Ọra yéyé o!*
(Àpárá):*Ọra yéyé ó fi dé rí ọmọn*
Contas: miçangas amarelo-ouro
Emblemas: *abẹ̀bẹ̀* (leque de metal amarelo) e *idẹ́*.



ỌYA

É a divindade dos ventos. Guerreira, forte e destemida. *Òrìṣà* veloz, que nos golpeia com a rapidez de um piscar de olhos.

Está presente no tempo e no espaço, é a *Ìyá mẹ́sọ̀ń ọ̀run* — mãe das nove partes do céu —, o grande vendaval que faz a limpeza do ar que respiramos. O ar em movimento caracteriza a sua essência, é como o fogo que nos queima, sem que tenhamos posto a mão nele.

É um *Òrìṣà* que faz as coisas simultaneamente, graças à sua agilidade de espalhar o seu àṣẹ no mundo dos vivos e dos mortos, por seu poder e onisciência. Por isso se diz:

Ọya aláagbára inú afẹ́ẹ́fẹ́
Oyá, a poderosa que vive no vento

Cores: branco com rosa, estampado com vermelho
Dias: segunda e quarta-feira
Natureza: vento, raio, montanhas de dois cumes
Metal: cobre
Saudação: *Eè pàà hẽè ọya!*
Contas: miçangas marrons (de preferência, coral)
Emblema: *Ìrùkẹ̀rẹ̀* (rabo de boi preto).



YEMỌNJA

Está associada à foz dos rios e quebra-mares. Mãe dos peixes e de todas as cabeças.

É evocada para trazer prosperidade e fertilidade. É um *Òrìṣà* que tem o poder de curar as doenças com água, sem derramamento de sangue. Com sua própria riqueza (os peixes) ela pode curar um mau *orí,* no ato do *Ẹborí.*

É um dos *Òrìṣà* mais velhos entre os *irúnmọnlẹ̀* (seres espirituais) e por este motivo come junto com *Egúngún* (ancestrais), para saber seus segredos.

Distribui encargos e funções a todos e em tudo põe ordem. Por isso se diz:

Ìyá mí ńṣé ọwọ́ pẹ̀lẹ́-pẹ̀lẹ́ nínu omi
Minha mãe está erguendo as mãos, suavemente,
dentro das águas

Cores: prata e azul-claro
Dia: sábado
Natureza: mar, foz dos rios, enseadas, baías
Metal: prata
Saudação: *Odò Ìyá!*
Contas: miçangas pingo d'água
Emblema: *Abẹ̀bẹ̀* (leque de metal prateado).



NÀNÁ

É um *Òrìṣà* bastante complexo. Representa a memória transcendental do ser humano e o acervo das reações pré-históricas de nossos antepassados.

É uma divindade das águas paradas e dos pântanos. Responsável pela matéria-prima (barro) que deu forma ao primeiro homem, participando, assim, da criação do mundo e dos seres.

Nàná rege fisicamente o estômago, os intestinos, a memória e os pés. Temida por todos que conhecem os seus hábitos e costumes, é este *Òrìṣà* o representante da continuidade da existência humana e, portanto, da morte. Por isso se diz:

Sálù bá Nàná Burúku!
Divindade que separa os espíritos
trevosos da morte!

Cores: azul e branco ou roxo
Dia: terça-feira
Natureza: pântanos, charcos, lago, lama
Metal: estanho
Saudação: *Sálùbá*
Contas: miçangas brancas rajadas de azul
Emblema: *Ibirin* (cetro de nervura de dendezeiro)



ÒRÌṢÀÁLÁ

É o governante da vida, está associado à matriz cósmica, como princípio masculino e feminino do poder cosmogenético.

Criador do mundo inorgânico, preside a passagem do sobrenatural à existência física (nascimento) e também à morte, quando o ser perde a individualidade e volta ao pó.

Òrìṣàálá foi quem deu forma ao homem, portanto, é o responsável pelos defeitos relacionados com a criação. Está associado à idéia de repouso, imobilidade, tranqüilidade e silêncio.

Detesta violência, brigas e tem horror a sangue. Evita tudo que é excitante. Por isso é tido como uma divindade da paz, imóvel como uma pedra no fundo d'água.

Onde há desavenças, *Òrìṣàálá* se envolve na pureza do branco, e brilha emitindo luz para proteger seus seguidores. Por isso se diz:

Ọba ńlá, bàbá o!

Oh, grande rei, meu pai!

Cor: branco
Dia: sexta-feira
Natureza: céu, montanha
Metal: prata, platina
Saudação: *Èèpáà bàbá!*
Contas: miçangas brancas
Emblema: *Ọ̀pá ṣ̀órṍ* (cajado)

ASSENTAMENTO DE *ÒGÚN*

- 1 facão
- 1 enxada
- 1 foice
- 1 pedaço de ferro (velho, bastante enferrujado)
- 1 alguidar grande
- muito vinho branco
- muito *mọ̀nrìwò* (folha de dendezeiro)

Quando se faz *Ògún,* deve-se cobri-lo com *mọ̀nrìwò*, para que sua manifestação seja tranqüila e a menos selvagem possível. Haja vista que *Ògún*, no culto, é considerado *Ẹbora* (força caótica incontrolável).

Animais de Sacrifício

- 1 cabrito vermelho
- 4 frangos vermelhos
- 2 pombos brancos
- Temperos: *ataare* e azeite-de-dendê
- Inhame é indispensável em qualquer oferenda para *Ògún*.

Folhas de Ògún

— Erva-tostão
— *Pèrègún*
— Parietária
— Canela de macaco
— Folha de *ìrokò* (gameleira)
— Espada de *Ògún* (junçá)
— Palmeira de dendê (*mọ̀nrìwò*). Esta é a principal folha de *Ògún.* (Obs.: a folha de *ìrokò* é indispensável a todos os *Òrìṣà* e pode ser substituída por todas as outras, contudo, a folha principal de cada *Òrìṣà*, esta não comporta substituição.)

Como Colher as Folhas

— Ao raiar do dia tome um bom banho com sabão-da-costa. Vista roupas brancas e cubra o *orí* com pano-da-costa.

— Faça uma oferenda para *Ọ̀ṣọ́nyìn* com:
— 1/2 copo de mel
— 1 pedaço de fumo
— 1 vela
— 4 moedas de igual valor

— Antes de adentrar na mata, bata *ipatéwó — paò —* (palmas com ritmo próprio) e faça a saudação:

Ọ̀rìṣà igbó ìbà
Ọ̀rìṣà Oko ìbà
Ọ̀rìṣà Ọya ìbà
Ọ̀rìṣà Ọdẹ ìbà
Òrìṣà Ògún ìbà
Òrìṣà Ọ̀ṣọ́nyìn ìbà

— Entre no mato mastigando *ataare* ou *obì* (para purificar o hálito). Escolha uma árvore frondosa e limpe bem o chão. Acenda a vela, faça a oferenda do mel e do pedaço de fumo para *Ọ̀ṣọ́nyìn.* Enquanto isso diz-se:

Mo júbà Ọ̀ṣ́ọ́nyìn, òrìṣà ewé
Ossaiyn, orixá das folhas, saudações.
Ọ̀ṣ́ọ́nyìn mo pè ọ o!
Ossaiyn, eu te chamo!

— E cante:*

Àwa dàgò l'ojú ewé, awa dàgò l'ojú ẹ mọ̀ oògùn,
A dàgò l'ojú ewé, a dàgò l'ojú ẹ mọ̀ oògùn.

auá dagô lôjú euê auá dagôlôjú é mã ôogum
auá dagô lôjú euê auá dagôlôjú é mã ôogum

Nós te pedimos licença para os nossos olhos, folha,
Pedimos licença para os nossos olhos verem vosso
Conhecimento da medicina, nós te pedimos licença
Para os nossos olhos, folha, pedimos licença para
Os nossos olhos verem vosso conhecimento da magia.

* * *

Ewé ẹ ní àṣà ki ó jẹ́, ewé jẹ́ si gbogbo Òrìṣà
Ewé ki mọ̀ àṣà ki ó jẹ́ bàbá, ewé jẹ́ si gbogbo Òrìṣà.

euê é ni axá qui o jé euê jé si bôbô orixá
euê qui mã axá qui o jé babá euê jé si bôbô orixá.

Folha, você é e tem a tradição dos costumes
do culto sagrado
Folha, você é para todos os orixás, folha que
Entende (conhece) os costumes tradicionais e é o
Nosso Pai, folha, é para todos os orixás.

* * *

Ewé pẹ̀lẹ́ pẹ́ àní tó pẹ́ ewé, pẹ̀lẹ́ pẹ́ àní tó pẹ́,
Làkàkà a fún ó ni fẹ́ẹ́rẹ́fẹ́ pẹ̀lẹ́ pẹ́ àní tǒ pẹ́.

---

* Cantigas extraídas de OLIVEIRA, Altair B. *Cantando para os Orixás*. Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 1993, p. 44-50.

euê puélé pué ãni tô pué euê puélé puê ânĩ tô pué
lacaca a fum o ni fééréfé puélé pué âni tô pué.

Pegue a folha gentilmente, demoradamente,
bastante demorado
A folha, gentilmente demorado, bastante demorado,
E se esforce tenazmente (com tenacidade), e a
Folha nos será dada alegremente.

– Ao terminar de apanhar as folhas, retire-se do mato com muito respeito.

– Ao chegar em casa, selecione as folhas e lave-as com muito cuidado. Vá depositando no pilão de *Òrìṣá-álá,* juntamente com um *obi, orógbó, aridán,* noz-moscada (ralados) e um pouco de mel. Comece então a socar, enquanto canta para *Òsónyìn:*

Ewé oògùn mọ̀n, ewè àṣà ewè oògùn mọ̀n l'ọ̀nọ̀n,
Ewé oògùn mọ̀n, ewé mi l'òkè ewé a sú ṣà l'ọ̀nọ̀n.

euê ôogum mã euê axá euẽ ôogum mã lónã
euê ôogum mã euê mi lôquê euê assúxã lónã.

Folha que conhece a medicina (cura da)
Folha das tradições e costumes (litúrgicos)
Folha que conhece os caminhos da magia
Folha que conhece a medicina
Folha, leve-me para o alto (ascender na vida)
Folha que nós trocamos nos caminhos das
tradições.

* * *

Pèrègún aláwé titun ó, pèrègún aláwé titun,
Gbogbo pèrègún aláwé lẹ́ṣẹ́, pèrègún aláwé titun ó.

pêrẽgun aláuê titum ô pêrêgum aláuê titum
bôbô pêrêgum aláuê léssé perêgum alauê titum ô.

Peregum é o dono das folhas novas e frescas.
Todos os pereguns são donos das folhas novas e
frescas.

E têm seu próprio suporte, pois peregum é o dono
Das folhas novas e frescas.

★ ★ ★

Ọ̀ṣọnyìn aláwo wa, ṣàwúre pípé Òrìṣà ewé
Ọ̀ṣọnyìn aláwo wa, ṣàwúre pípé Òrìṣà ewé

ósanhim aláuô uá xauúrê puípuê òrìsà euê
ósanhim aláuô uá xauúrê puípuê òrìsà euê

Ọ̀ṣọ́nyìn é nosso sacerdote, faça-nos o encanto
Que nos traga boa sorte em sua totalidade,
Ó Orixá das folhas.*

— Uma parte das folhas será utilizada para forrar o chão onde será posto o assentamento do *Òrìṣà.*

— Caso estiver com *ìyàwó* recolhido, uma parte será para o forro da esteira.

— Utilize o bagaço das folhas para limpar as ferramentas do *Òrìṣà.*

— Para fazer sacrifícios, ou mesmo uma oferenda para *Ògún,* deve-se levar em consideração o horário que o *Òrìṣà* sai e o horário que ele volta. *Ògún,* por ser caçador, seu costume é sair bem cedo e voltar à tarde. Assim, os sacrifícios devem ser feitos pela manhã ou à tarde. Tudo no culto é uma questão de análise do contexto social humano e do comportamento do *Òrìṣà.*

Comidas Secas

— milho torrado
— amendoim torrado
— feijão fradinho torrado
— inhame assado
— feijão preto semicozido
— *ègbo* (canjica branca cozida)

---

* Cantigas extraídas de OLIVEIRA, Altair B. *Cantando para os Orixás.* Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 1993, p. 44-50.

— 7 acaçás
— 7 *obì* vermelhos (*obì* branco não serve para oferenda)
— 7 *orógbó*

Sacrifício

— Com 7 *ataare* na boca, ofereça as folhas de aroeira para o bode comer. Enquanto se diz:

Ẹ mo fòrí kan, mo f'orí ó. . .

— Quando o animal comer as folhas, grita-se o nome do *Òrìṣà:*

Ògún yè e e!
Onílé, oní tèmi
Ki ó ní ọ̀gọ.

Mo júbà bàbá mi
Ó ki ní ìlọ́po ẹ̀wàà,
Ó wá nílé, Ògún Ònílĩré oko mi.
Ògún Ònílĩré ọkùnrin gbọ́n-gbọ́n gidi.
Ògún Ònílĩré ọkùnrin ṣọ́n-ṣón gidi.
Okùnrin wá,
Ọkùnrin wò,
Ọkùnrin wà àwa wòwó.
Ọkùnrin gbọ́n-gbọ́n, gbón gbón.
Ọkùnrin gbọ́n-gbọ́n gbèlé,
Ògún!
Aṣọ inọ́n ní aṣọ Egúngún,
Aṣọ mọ̀nriwo ní aṣọ Ọ̀ṣóny ìn!

Meus respeitos, meu pai!
Aquele que se multiplica por dez,
Aquele que vem para casa, *Ògún*, Senhor de *Ĩré* e da minha fazenda.

Aquele que está na casa, *Ògún,* Senhor de *Ìrẹ́*
e da minha fazenda.
Ògún, Senhor de *Ìrẹ́*, homem impossível e de
importância.
Ògún, Senhor de *Ìrẹ́,* o homem que derruba
árvores e abre clareiras na floresta, de real
importância.
Homem, venha,
Homem, olhe.
O homem que está nos vigiando no culto.
Homem impossível de se ter problemas com ele,
quando se é cauteloso.
Homem impossível que dá sustentação à casa,
É *Ògún!*
Roupa de fogo é a roupa de *Egúngún.*
Roupas de folhas de palmeiras é a roupa de
Ọ̀ṣọ́nyìn!

— Neste momento, coloca-se *mọ̀nrìwò* nos ombros do *ìyàwó* e também em cima das ferramentas de *Ògún.*

Àwa áyọn, àwa áyọn,
Àwa áyọn, àwa áyọn Òrìṣà tíì kọ́rá re lé gbé.
Ògún Ònílé àárò!
Olóònòn imọ̀n!
Ògún Ònílé àti ekún!
Ògún olóòde dé ọlà!
Ònílrẹ́ , Ònílé kọ́ngun kọ́ngun óde òrun,
Ògún ÒnílrẹÌ oko mi!
Ògún níìgbátí ó ti òkè bọ,
Aṣọ inọ́n lo mu bòra ẹ̀jẹ̀!
Àìsí lọ́wọ́ rẹ̀ sòrọ.
Olóoko mi, dákun dàábò fi yè dé nọ̀n.
Dákun dàábò k'a a fi yè dé nọ̀n.
Ògún ÒnílrẹÌre
Oko mi!
Méje l'Ògún wọn!
Méje l'Ògún!
Méje n'Ìrẹ́,

Méje l'Ògún!
Ìrẹ́ kíì ṣé ilé Ògún.
Ọya kí wọn àgbẹ̀dẹ nibẹ̀.
Ò wà mẹmun ní.
Ògún Ònílẹ̀rẹ́ oko ó mi!
Dákun wá gbà ẹbọ rẹ̀,
Ògún Ònílẹ̀rẹ́ ó sìn Ìmọnlẹ̀!

Nosso esforço, nossa perseverança,
Nosso esforço, nossa perseverança, *Òrìṣà* que traz a riqueza, fertilidade e felicidade para morar em casa.
Ògún é dono da casa e da forja!
Senhor dos caminhos das folhas novas de palmeira!
Ògún, dono da casa e do leopardo!
Ògún, dono dos caminhos que chegam à riqueza!
Senhor de *Ìrẹ́,* dono da casa cujas fronteiras ficam acima do teto do *Òrun,*
Ògún, senhor de *Ìrẹ́* da minha fazenda!
Ògún, que quando desceu da montanha
cobria-se com roupas de fogo e sangue!
Sem sua ajuda é difícil.
Senhor da minha fazenda, por favor, proteja-nos para que voltemos vivos dos caminhos.
Por favor, proteja-nos para que usemos e cheguemos vivos dos caminhos.
Ògún, Senhor de *Ìrẹ́*
E da minha fazenda!
São sete os *Ògún!*
Tem sete *Ògún!*
Sete em *Ìrẹ́,*
Tem sete *Ògún!*
Ìrẹ́ regozija-se por tornar-se a casa de *Ògún.*
Ọya cumprimenta os ferreiros de lá.
Ele está bebendo cerveja (*ẹmun*).
Ògún, Senhor de *Ìrẹ́* e da minha fazenda!
Por favor, venha receber seu ebó,
Ògún, Senhor de *Ìrẹ́,* o *ìmọnlẹ̀* a quem eu servirei!

Neste momento, começam os sacrifícios, pela ordem do preceito.

Ó lomi nílé àti fi èjè wẹ̀!
Aláaṣọ nílé fí imọ̀n bòra Ògún!
Ògún t'ó dé ní jẹ ajá.
Ọlọ́ọlà ni mu jẹ́ èniọ̀n.
Ògún ìkọla ìgbín ní jẹ.
Ògún gbénòn-gbénòn ó jẹ igi ni tì ẹ.
Ònílĩré t'àgbẹ̀dẹ pé-ń-pé irin ni tọ̀rọ̀.
Ògún Ònílĩré, Ògún yè e e!
Ire owó, ire ọmọ.
Ògún olóoko lé ààrò!
Ló ó jẹ́ ọba nílé ààrò.
Ògún tọ̀ kọn òde dé imọ̀n!
Ó ló jẹ́ ọba ní gé àárò.
Ni gbogbo irúnmọnlẹ̀ bá pẹ̀jọ̀.
Lọ̀nọ̀n ṣawo jẹ.
Ògún yè e e!
Ògún Ònílĩré oko mi ó sìn imọnlẹ̀.
Olóomi nílé àti fí èjè wẹ̀.
Aláaṣọ nílé fi ọmọ kíì bòra.
Ògún, dákun wá gbẹ̀bọ rẹ̀.
Ògún k'a lọ́wọ́ owo.
Ògún ki a kọ́lẹ́ ọlà!
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ!
A ní àṣẹ ọ̀nọ̀n kìí (orúkọ Ògún).
Ògún ọ̀nọ̀n ní òdì mọ̀ àdá.
Ògún dákun máà jẹ́kí ọ̀nọ̀n
Òdì mo wà.
Ògún, Olóroko.
Ògún, ó pa ńgbà.
Ògún ló ki ẹbọ lọ gbè isu.
Olóroko mọ̀su tíí isu fí jìnnọ̀n.
Wọ̀nrọn-wọ̀nrọn!
Okùnrin gbọ́n-gbọ̀n gidi.
Okùnrin ṣón-ṣón gidi.
Okùnrin wá!
Okùnrin wò!

Okùnrin wòwo!
Okùnrin (gbọ́n-gbọ̀n — gbọ́n-gbọ́n)
Okùnrin gbọ́n-gbọ̀n gbèlé.
Ògún Ònílĩ́ré oko mi.
Ògún Ònílĩ́rè ó kọ̀ọmi!
Ògún dákun ire gbogbo wa.
Kò ìyà lé wa.
Ire gbogbo lọ̀ọ̀nọ̀n ire gbogbo!
Ire gbogbo wọn wà wọ̀lé wa.
Kọ́ si mi!
Ire gbogbo wà léè mi wá.
Ire gbogbo,
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ!

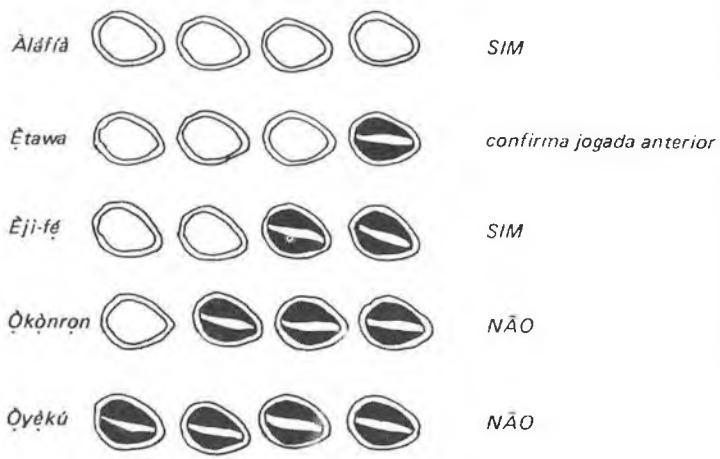
Ele tem água em casa e usa tomar banho de sangue!
Ògún é o Senhor que tem roupas em casa, mas veste-se com folhas novas de palmeiras!
Ògún é aquele que ao chegar come cachorro.
Senhor da riqueza e que pode tornar ricas as pessoas.
Ògún que usa marcas tribais come caracol.
Ògún carpinteiro é aquele que consome uma árvore apenas ao encostar-se nela.
Senhor de *Ĩ́ré* que deixa o ferro pequenino como efeito.
Ògún, Senhor de *Ĩ́ré*, salve *Ògún!*
Traga felicidade de dinheiro e felicidade de filhos.
Ògún, dono da fazenda e da casa da forja!
Ele é o rei na casa da forja.
Ògún é quem segue o caminho para chegar às folhas novas de palmeira!
Ele é o rei para quem cortamos antecipadamente.
Com quem todos os *Irúnmọnlẹ̀* juntam-se para suprir suas deficiências.
A quem cultuamos no caminho (ou: Quem é cultuado no caminho).

Salve *Ògún!*
Ògún, Senhor de *Irè* e da minha fazenda,
o *Imọnlẹ* a quem eu servirei.
Senhor que tem água em casa e que usa tomar
banho de sangue.
Dono das roupas da casa, a quem os filhos
cumprimentam ao vestirem-se.
Ògún, por favor, venha receber seu ebó.
Ògún é quem nos ajuda a termos tradição.
Ògún, com quem construiremos a riqueza da
nossa casa!
Assim, seja, assim seja, assim seja!
Nós temos a graça de no caminho cumprimentar
(nome do *Ògún*).
Ògún do caminho é quem conhece o lado errado
da espada.
Ògún, por favor, não permita que os caminhos
Estejam errados para mim.
Ògún, o dono que olha a fazenda.
Ògún, ele mata, ele recebe.
Ògún é aquele que irá receber oferendas de
inhames.
Dono que olha a fazenda e conhece o bom
inhame apenas olhando à distância.
Ele é irrequieto!
Homem irascível, mas de muita importância.
Homem que derruba árvores na floresta e
abre clareiras, ele é muito importante.
O homem que vem!
O homem que olha!
O homem que vigia o culto!
O homem com quem é impossível de se ter
problemas com ele quando se é cauteloso.
Homem irascível que protege a casa.
Ògún, Senhor de Irè e da minha fazenda.
Ògún, Senhor de Irè, o primeiro para mim!
Ògún, por favor, faça-nos todos felizes.
Não castigue nossa casa.

Que sejam felizes todos os caminhos, felizes todos!
Sejam felizes todos os que estão dentro de nossa casa.
Ó primeiro para mim!
Sejam felizes todos os que estão vindo à minha casa.
Todos felizes,
Assim seja, assim seja, assim seja!

— Ao terminar os sacrifícios, partem-se os *obì*, jogando-os e extraindo as respostas do *Òrìṣà:*

Vejamos as combinações possíveis, no jogo de *obì* ou qualquer outro jogo ritualístico, cuja composição seja quatro. Tomemos os búzios como exemplo:



— Quem está intimamente familiarizado com o sistema, pode, tranqüilamente, extrair outras informações, da seguinte forma: *obì* de quatro partes — 2 partes são femininas e 2 são masculinas.

1. Um feminino aberto e os outros fechados — *Ajé* — quer dizer: riqueza. Se olhássemos apenas pelo significado de *Ọ̀kànrọ̀n*, o resultado seria não,

no entanto, este é um *Ọkọ̀nrọn* cheio de prosperidade.

2. Um masculino e um feminino abertos – *Èjìre* – quer dizer: amizade. É um resultado de bom relacionamento social e que a oferenda foi bem aceita.
3. Dois masculinos abertos – *Okóòrọn* – quer dizer: crimes, dificuldades, ameaças e disputas. É um resultado excelente, quando a finalidade do que se faz seja perseguir alguém. Mas se, por exemplo, esta queda tenha saído após um assentamento de *Ògún*, isto significa que este *Ògún* é um *Ebora* e o seu culto tem que ser feito no mato.
4. Dois femininos abertos – *Yéyé-Ọ̀rọn* – quer dizer: fraqueza. É um resultado que indica não haver progressos, através do ritual feito.
5. Dois masculinos e um feminino abertos – *Akìta* – quer dizer: sucesso, porém, depois de muitas dificuldades. Este resultado propõe paciência para solucionar os problemas.
6. Um masculino e dois femininos abertos – *Obìta* – quer dizer: neutro.
7. Dois masculinos e dois femininos abertos – *Ofun tàbí Àláfíà* – quer dizer: tudo de bom. Este resultado é a indicação de que o sucesso será absoluto.

Enfim, o meu objetivo é transmitir práticas ritualísticas, observando os cuidados necessários à sua execução. *Ògún*, por exemplo, é um *Òrìṣà* extremamente perigoso, que está relacionado com o sulfato ferroso do fígado (centro das emoções humanas – onde a razão fica sem espaço).

Ògún é um *Òrìṣà* único, com sete qualidades. Uma delas o destaca como um grande cortador de cabeças. Outra, é considerada como o *Ògún* dos barbeiros e come cabelos. Outra o faz tão violento que come a ferrugem do próprio ferro, o seu elemento. E quando aparece na

qualidade de *Ògún-Mákin-dé* destaca-se como um especialista em comer gente. Portanto, fica aqui o meu alerta: de que não é aconselhável lidar com este *Òrìṣà* caso não se tenha uma concepção limpa do seu caráter comportamental, na Terra e no espaço.

ASSENTAMENTO DE *ÒRÌSÀÁLÁ*

— 1 bacia de louça ou ágata grande
— 1 pedra branca
— terra fértil
— areia branca
— 96 búzios
— 10 pratos brancos
— 10 idés de metal branco
— 1 quartinha
— 1 pilão
— 1 *irùkẹ̀rẹ̀* branco
— 1 *ọ̀pá̩ṣòrò*
— 10 *efun*
— muitas moedas de níquel ou prata
— pano branco de algodão puro
— algodão
— *ori*

Procedimento

— Coloque a terra na bacia e cubra-a com uma camada de areia. No centro colocam-se a pedra, os búzios, as moedas e os *idẹ*.

— Com os pratos faça uma circunferência em volta dos objetos, que estão no centro da bacia.

— Os *ẹfun* são embrulhados no algodão e servirão como oferenda permanente.

— O pilão é o seu assento; o *ọpáṣòrò* o seu apoio; e o *ìrùkẹ̀rẹ̀* é o símbolo de sua realeza e autoridade.

— O pano servirá para cobrir o assentamento. Este simboliza a natureza da luz branca do *Òrìṣà.*

Sacrifícios

— 2 *ìgbìn* (caracol da terra)
— 2 pombos (estes não são sacrificados)

Comidas

—10 *Èkuru funfun* (inhame cozido, socado no pilão e embrulhado em folhas de bananeira)
— 10 acaçás (*ẹ̀kọ*)
— *Ègbo* (canjica branca) com *ori*
— arroz com clara de ovos e mel
— sementes de abóbora (tira-se a casca). Fazer um purê com molho de tomate, espinafre e cebola ralada.
— purê de feijão branco (sem pele). Com *Ori* e cebola ralada.
— frutas: uvas verdes
— flores brancas

Folhas de Òrísàálá

— Cana-do-brejo
— Folha-da-costa (branca)
— Cajá
— Folha da fortuna
— Rama-de-leite
— Folha-de-leite
— Capeba
— Golfo branco
— Jarrinha
— Folha-de-vintém
— Beldroega
— Folha de *ìrokò*

ẸBỌRI

Muitos sacerdotes e outros estudiosos respeitáveis da cultura afro-brasileira escreveram sobre o ato litúrgico, denominado de *Ẹbọrí: Ẹbọ* – sacrifício; *Orí* – cabeça. É uma forma ritualística de alimentar a cabeça e fortalecer a psique.

Os textos desses autores começam sempre nos impressionando pela sua composição, no tocante ao jogo de palavras, mas não tardam em nos decepcionar com as famosas frases: "É segredo da seita", ou "é segredo reservado aos iniciados – *awo*", e a decepção do leitor é completa, porque não encontrou no corpo da obra o que leu no índice ou na apresentação. Em resumo, o que esses autores nos dizem é que guardam os princípios do ato para não ferir os preceitos da religião. Pretexto!

Em diversas destas obras encontraremos – e sem nenhuma desculpa – receitas abomináveis de feitiçarias. E eu pergunto: isso não fere a dignidade humana? Não fere a concepção do Candomblé, que visa simplesmente o encontro, o equilíbrio com *Olódùmarè?*

O que realmente precisamos fazer é, através da informação (não-"misteriosa"), expressar a nossa visão de mundo, de vida e de Deus, sem reticências. Sem conota-

ções que gerem dúvidas e preconceitos, deixando claro que, enquanto outras religiões crêem que Deus perdoa os seus pecados, nós cremos em *Olódùmarè* como o equilíbrio do Universo. Desta forma, nada é segredo, nada é mistério, nada é "pecaminoso". Julgo, então, desnecessária a omissão do conhecimento a leigos ou a iniciados mais novos do culto, sob pretexto de não possuírem *àṣe*, visto que o *àṣẹ* aumenta exatamente com o próprio conhecimento do indivíduo.

O *Ẹbọrí* é, sem dúvida, uma das mais belas práticas da liturgia candomblecista. Sua necessidade surge, exatamente, quando uma determinada pessoa se sente psicologicamente desestruturada, o que a leva a perturbações físicas e mentais e sua vida começa a sofrer uma série de mudanças indesejáveis. Neste caso, *Ẹbọrí* é uma obrigação simples, porém muito eficiente, e faz com que a pessoa volte à sua estabilidade emocional.

Ritual

Primeiramente consulta-se *Ifá*, para saber quais são os *Òrìṣà* da pessoa. Isso é feito para que não se cometam erros, tais como: oferecer *obì* à cabeça de um filho de *Ṣàngó*; mel aos filhos de *Òṣóòsì*; ou dendê aos filhos de *Òrìṣàálá*. O ato do *Ẹbọrí*, como já expliquei acima, é para a cabeça do indivíduo e não para o *Òrìṣà*.

Podem ser oferecidas para o *Orí* as comidas sagradas dos *Òrìṣà*, como normalmente se faz, todavia não é rigorosamente necessário seguir-se esta regra porque — já que o *Ẹbọrí* é uma festa para a cabeça — ele pode comer e beber tudo que o indivíduo goste. Alguns detalhes devem ser observados. Por exemplo: não oferecer comida apimentada ao *Orí* de quem não goste deste condimento, porque se a pessoa rejeita é sinal de que *Orí* não aceita.

Se *Ẹbọrí* é uma grande festa para a cabeça da pessoa, para que esta venha a ficar contente, os participan-

tes devem ser seus bons amigos, para que venham comungar juntamente com a felicidade da pessoa que recebe o *Ẹbọ*.

Para receber *Ẹbọrí* a pessoa deve passar por uma série de rituais de limpeza:

Ẹbọ Ikù

- *Pàdè* de azeite-de-dendê
- *Pàdè* de água
- *Pàdè* de mel
- 9 *àkàrà*
- 9 *èkuru*
- 9 acaçás (*ẹkọ*) brancos
- 9 acaçás (*ẹkọ*) vermelhos
- 9 ovos brancos
- grãos: feijão preto
  feijão fradinho
  feijão carioca
  arroz (cru)
  pipocas
  canjica branca
- Legumes: beterraba
  cenoura
  batata
  inhame
  cebola
- Verduras: couve
  repolho
  alface
- Ave: um frango branco
- Outros: 1 pano branco do tamanho da pessoa
  9 velas
  1 alguidar grande
- Folhas: *pèrègún*, aroeira, são-gonçalinho

— Tempero: sal, água, cachaça, azeite-de-dendê e mel.

Procedimento

— Põem-se as oferendas arrumadas em ordem, ao lado, e acendem-se as 9 velas.

— Pega-se o alguidar e coloca-se-o em frente à pessoa. Esta deve estar com a coluna bem reta e relaxada. De olhos fechados, com 9 *ataare* na boca e pedindo para si tudo de bom.

— Põe-se um pouco de sal dentro do alguidar e diz-se:

Iyọ̀, iyọ̀, lọ́ gè
Iyọ̀ lọ́ gè

— Em seguida põe-se um pouco de água e diz-se:

Ṣé k'ara tú omi
Ki odò bọ ki ara tú omi
Ki odò bọ

— Põe-se um pouco de cachaça e diz-se:

Ẹ bara ọtí
Ẹ ní là orí ọ ó
Ẹ bara ọtí
Ẹ nilà orí

— Põe-se um pouco de azeite-de-dendê e diz:

Ìrójú ọlọbè
Epo ìrójú ọlọbè epo

— Por último, põe-se mel e diz-se:

Ó dùn bá ti ọlà

Yìí bá ti owó
Oyin oyin èkuru

— Em seguida parte-se uma cebola em quatro partes e diz-se:

Ikú mo pè ọ́ o!
Ikú rẹ̀ ọ́ o!

— Pergunta-se, então, a *Ikú* se aceita o *Ẹbọ*. Joga-se a cebola no chão, como se faz com *obì, orógbó,* etc.

A confirmação é idêntica ao jogo de quatro búzios e a consulta tem qúe ser feita, no mínimo, duas vezes:

ỌYẸ̀KÚ — não
ỌKỌ̀NRỌN — não
ẸTAWA — confirma a jogada anterior
ẸJÍ-FÉ — sim
ÀLÁFÍÀ — sim

Digamos que a primeira jogada saiu *Ọyẹ̀kú,* seguido de *Ẹtawa,* isto quer dizer que *Ikú* não aceita o *Ẹbọ*. O que precisa o oficiante do ato fazer é verificar qual o erro que está sendo cometido, de modo a corrigi-lo. Isso às vezes pode ser solucionado espargindo um pouco de água sobre o *Orí* da pessoa.

— Passe então o *ẹbọ* na pessoa, começando pelo frango, enquanto se canta:

Sáárá rẹ̀ ẹbọ kú ọ̀nọ̀n
Sáárá rẹ̀ bí àkùkọ.

Após passado no corpo da pessoa, o frango é sacrificado (cortando pelas costas) dentro do alguidar. Quebram-se-lhe as asas e os pés.

— Passe na pessoa o restante do *Ẹbọ* e vá colocando um pouco de tudo dentro do frango. Enquanto isso, reza-se:

Sáà sáà gbálé (lẹ)
fun a ó.
Sáà sáà gbalẹ.

Ṣó ṣó só ekuru
Iyásán lọ ẹbọ ekuru
Ṣó ṣó ṣó ekuru
Oya gbálẹ ekuru.

— Por último, abre-se um *obì* e verifica-se se tudo foi aceito. Obtendo resposta afirmativa, divida-o em nove partes e ponha-o sobre o *Ẹbọ.*

— Passe o pano branco no corpo da pessoa, pedindo paz e limpeza para a sua vida, enquanto retira os resíduos dos alimentos.

— Embrulhe o *Ẹbọ* no pano e amarre-o. A pessoa, ainda com os olhos fechados, salta por cima do *Ẹbọ.*

— Consulte *Ifá* para saber onde este deve ser despachado.

Banho

— Ingredientes:
sabão-da-costa, *ìyẹ̀rẹ̀òsùn,* bucha do mato.

Procedimento

— Pegue um pedaço do sabão e corte-o em fatias bem finas. Junte um pouco de *ìyẹ̀rẹ̀òsun,* e misture bem, até conseguir a consistência original do sabão. Divida em duas partes. Ponha uma parte na bucha e dê para a pessoa tomar o banho:

— lave primeiramente a cabeça, friccionando-a bem. Em seguida o rosto, pescoço, tórax, braço esquerdo, perna esquerda, braço direito, perna direita, por último barriga e órgãos sexuais. Lave bem o corpo e retire todo o resto

do sabão que ficar na bucha. Coloque a outra parte do sabão na bucha e repita o processo. Joga-se a bucha na rua.

— Em seguida, dá-se um banho na pessoa com as seguintes ervas:

- espada de *Ògún*
- aroeira
- açoita-cavalo
- malmequer bravo
- *pèrègún*
- erva-tostão
- alfavaquinha
- folha-da-costa
- mutamba
- com um pouco de mel, açúcar, *obì* e *orógbó* ralados

— Faça uma pasta com *ori* e *ẹfun,* e passe nos pulsos, antebraços, tornozelos, tórax, nuca, na cabeça e no umbigo. Em seguida, amarre os *contra-egun* e faça com que a pessoa vista roupas brancas, com a cabeça também coberta com um pano branco (*álá*).

— Recolhe-se a pessoa e deita-se-a sobre uma esteira forrada também de branco onde, embaixo da mesma, estarão as folhas de fundamento do seu *Aláàṣe.*

— Faça então oferenda para *Obàlúwàiyé*:

- feijão-preto cozido e temperado com cebola ralada, passado no azeite-de-dendê, enfeitado com camarões fritos e pipocas.
- Pipocas, enfeitadas com 14 fatias de coco.
- Farofa de azeite-de-dendê, enfeitada com rodelas de banana-da-terra.
- *Ẹ̀kọ, ègbo* e *aluá* de abacaxi.

— A pessoa permanece juntamente com estas oferendas por 24 horas, quando tudo deverá ser levantado e enterrado.

— No dia seguinte, bem cedo, dar-lhe outro banho de ervas.

Ebó de Egúngún

- 1 garrafa de pinga
- 1 bandeira branca (vai dentro da pinga)
- 9 *ìṣọ́n* (varas de amora)
- 9 *àkàrà*
- 9 *èkuru*
- Azeite-de-dendê
- Muitas tiras de tecidos estampados
- Muitos búzios
- Muitas moedas correntes
- Folhas de amora
- Folhas de carambola
- Folhas de cana
- Um frango
- Um *obì*
- Um *orógbó*
- Areia

Procedimento

— Leve as comidas ao *Ilé Ikú*. Passa-se o frango na pessoa e esta, com 9 *ataare* na boca pede tudo de bom aos seus antepassados, soltando seu hálito sobre a cabeça da ave. Feito isso, corta-se o frango para os ancestrais.

Reza de *Egúngún*

Ilẹ̀ mo pè ọ̀
Agọ́ kìì ngbọ́ ẹkún ọmọ rẹ̀
Kí o ma ta etí wérẹ́,
Baba awa ọmọ rẹ ni a npè ọ̀.
Kí o sáré wá jẹ́ wa o,
Kí o gbọ́ ìwùre wá,
Má jẹ̀ a ríkú èwe,
Má jẹ̀ a ríjà Èṣù,
Má jẹ̀ a ríjà Ògún,
Má jẹ̀ a ríjà omi,

Má jẹ́ a ríjà Ṣọpọnna,
Bí o bá tún di àmọ̀dún,
Kí a tún pé jọ, pẹ̀lú àlàfíà àti ayọ̀.

Ô terra, eu vos chamo!
Agọ́, ao ouvir o choro dos filhotes,
responde rapidamente.
Ô pai, somos teus filhos e te chamamos.
Vem logo nos ouvir.
Ouve nossas rezas.
Livra-nos da mortalidade infantil.
Proteja-nos da ira de Exu.
Proteja-nos da ira de Ogum.
Proteja-nos da ira das águas
Proteja-nos da ira de Xapanã.
Que ao chegar o próximo ano
estejamos reunidos, com saúde e felicidade.

Ebó de Èṣú

- Uma galinha-d'angola
- Um pombo
- Um *obì* (dividido em duzentas partes)
- 6 acaçás vermelhos (*ẹ̀kọ*)
- Azeite-de-dendê
- Muito *otí olóòje* (gim seco)
- Um mil e duzentos cruzeiros (em moeda corrente)

Invocação de *Ẽṣù*

Èṣù ọ̀ta òrìṣà.
Ọṣẹ́tùrá ni orukọ bàbá mọ̀ ọ́.
Alágogo ìjà ni orúkọ ìyá ńpè ẹ́,
Ẽṣù ọ̀dàrà, ọmọkùnrin ìdọ́lọ́fin,
O lé ṣónṣó sí orí ẹṣẹ̀ ẹlẹ́ṣẹ̀,
Kò jẹ, kò jẹ́ kí ẹni nję gbé mí,
A kìì lówó lái mú ti èṣù kúrò,

A kìì láyò lái mú ti èṣù kúrò,
Aṣòntún ṣe òsì lái ní ítijú,
Èṣù àpáta sọ́mọ olómo lénu,
O fi okúta dípò iyọ̀.
Lọ́ọ̀gẹmọ òrun, a nla kálù,
Pàápa-wàrá, a tùká máṣe ṣà,
Èṣu máṣe mí, ọmọ ẹlòmíràn ni o ṣe.

Èṣù láàlú,
Okiri òkò
Ẹbìtà ọkùnrin,
A bá ni wóràn,
Bí à ò rí dá,
Ọlọ́pa elédùnmarè laelae.
O sàn sọ̀kòtò pénpé,
Oníbodè ọlọ́run.
O sún nílé fọgọ ti kun.
Èṣù ló jí.
Ọgọ kò jí.
Ẹbọra tí njẹ́ látọpa.
O bá ẹlẹ́kun sunkún,
Kẹ́rù ó ba ẹlẹ́kún,
Ẹlẹ́kún n súnkún,
Láaróyè n sun ẹ̀jẹ̀.
O bá inímímí mí,
Kẹ́rù ó ba onímímí.
Onímímí n fimú mí,
Láróyè n fi gbogbo ara mì bí àjére,
Èṣù má ṣe mí, ọmọ ẹlòmíràn ni o ṣe,
Nítorí ẹni èṣù bá nṣe kì í mọ̀,
Bí o bá fi ohun, tirẹ̀ sílẹ̀,
Ohun olóhun nii maa wá kiri.
Èṣù ọ̀dàrà,
Orí mí kó ní jẹ́ èmí rí ìbínú rẹ.

Exu, o inimigo dos orixás.*
Ọ̀ṣétùrá é o nome pelo qual você é chamado
por seu pai.
Alágogo Ìjà é o nome pelo qual você é chamado
por sua mãe.
Exu Ọ̀dara, o homem forte de *Idọ́lọ́fin.*
Exu, que senta no pé dos outros.
Que não come e não permite a quem está
comendo que engula o alimento.
Quem tem dinheiro, reserva para Exu a sua parte.
Quem tem felicidade, reserva para Exu a sua parte.
Exu, que joga nos dois times sem constrangimento.
Exu, que faz uma pessoa falar coisas que não deseja.
Exu, que usa pedra em vez de sal.
Exu, o indulgente filho de Deus, cuja grandeza
se manifesta em toda a parte.
Exu, apressado, inesperado, que quebra em
fragmentos que não poderá juntar novamente.
Exu, não me manipule. Manipule outra pessoa.

Exu *Láàlú,*
Okiri òko,
Ẹbìtà Ọkùnrin,

---

* Nota do Editor: Como facilmente se deduz da *bibliografia* consultada, muitos dos *oríkì* aqui transcritos — no todo, ou em parte — foram extraídos do excelente texto de autoria de Síkírù Sàlámì (*King*), *Cânticos Orixás na África* (São Paulo, Ed. Oduduwa, 1991). Sentimo-nos, portanto, no dever de transcrever a observação feita por Altair B. Oliveira (*T'Ògún*), responsável pela revisão do texto em *Yorùbá* da presente obra, por julgá-la pertinente e esclarecedora, não implicando demérito para a obra citada.

Observa *T'Ògún*: "Como pessoa também ligada ao culto aos *Òrìṣà* e militante, discordo da colocação do *oríkì:*

Ẹ̀ṣù òtá Òrìṣà
(Exu, inimigo dos Orixás)

que, na verdade, deve grafar-se:

Ẹ̀ṣù Òòtá Òrìṣà
(Exu, o Oficial da Guarda dos Orixás).

Há grande diferença entre uma coisa e outra, sendo, por isso, muito importante, não somente o conhecimento do *Yorùbá*, mas também da interpretação do culto (principalmente de *Ẹ̀ṣù*), sem o ranço da visão cristã, que o liga ao Diabo, o Anti-Cristo, o adversário dos Santos, como também da visão muçulmana, que o liga a Satã, com a mesma conotação".

Exu, que causa problemas ao homem quando o homem não tem problemas.
O inspetor de *Eledumare*, desde o princípio dos tempos.
Exu amarrou um pedaço de pano na cintura.
O porteiro de *Eledumare*.
Ele dorme em casa e tranca a porta com seu porrete.
E Exu acordou.
Seu porrete não acordou
O venerável que é chamado *Látọpa*.
Ele, que chora com a vítima
até o ponto da vítima se amedrontar.
A vítima está derramando lágrimas,
Láaróyè está derramando sangue.
Ele que respira junto com a vítima
até o ponto da vítima se amedrontar:
a vítima está respirando pelas narinas
Láaróyè está respirando pelo corpo inteiro,
como uma peneira.
Exu não me conduza ao mal, conduza ao mal meus inimigos.
Pois quem estiver sendo conduzido ao mal por Exu, não sabe.
Quando ele deixa sua propriedade
vai atrás da propriedade dos outros.
Exu *Òdàrà*,
Meu orí não vai permitir que eu experimente sua fúria.

Procedimento

— Para o sacrifício:

um galo	se for mulher
uma galinha-d'angola	as aves são
um pombo branco	fêmeas
um peixe de escamas (branco)	

— Para o assentamento de *Orí:*

uma terrina branca
uma quartinha branca
um *òkúta* branco
muitos búzios
muitas moedas (correntes)
ouro

— A pessoa se põe de pé em cima da *ení* (esteira). Junta bem os pés, mantém a coluna reta e faz três flexões verticais (chamando por *Orí*). Este ato facilita a liberação de líquido do cóccix, que fluirá na coluna vertebral, no sentido de baixo para cima, até o cérebro. Isto é que vai facilitar levar todos os ingredientes (mineral, vegetal e animal) ao centro da cabeça. Esta é a grande obra de magia.

Na terceira flexão, a pessoa não se ergue mais. Senta-se na esteira com a coluna reta, pernas esticadas e mãos espalmadas para cima, sobre os joelhos.

— O oficiante do ato, mais os presentes, gritam:

Bòrí ọ́ o! (somente o oficiante)
Orí ọ́ o! (respondido em coro, pelos presentes)

— Passa-se, então o acaçá: na nuca, testa, *Orí* (centro), pulsos e entre os dedos maiores dos pés. Obs.: se a mãe da pessoa for falecida, o acaçá tem que ser passado somente no pé direito; se for o pai, passa somente no pé esquerdo; caso sejam os dois falecidos, não passa em nenhum.

Neste ato, canta-se:

Bòrí ó o!
Mọ́nṣà k'ẹ̀jẹ̀
Bòrí ó o! Òrìṣà
Bòrí ó o! Mọ́nṣà k'ẹ̀jẹ̀
bàbá!
Bòrí ó o! Órìṣà
Bòrí ó o!
Orí ó o!

— Vai-se então oferecendo os pratos, convidando o *Orí* para aceitá-los. Enquanto isso, canta-se:

Ẹnìkọn kọn bòrí ó o!
Ki ó lọ́, bò ṣeré
Ki ó lọ́ bò ṣeré
Ki o lọ́. . .

— No final deste ato, consulta-se *Ifá*, para saber se tudo está correndo bem. E, aqui, faz-se necessário abrir um parênteses para uma descrição sucinta do jogo com 8 búzios utilizado exclusivamente no ato ritual de *Ẹborí* (para maiores detalhes, consultar *Ọrúnmìla & Èṣù*, do mesmo autor).

As caídas são as seguintes:

1) *Odù Ogbè Ìkú* (todos os búzios fechados)
   — Responde *Oya.*
   — Significa que falta tratar de *Bàbá Égún.*
2) *Odù Ogbè Ọ̀kọ̀nrọ̀n* (1 búzio aberto/7 fechados)
   — Responde *Èṣù.*
   — Significa que algo no ritual está saindo errado. Pode ser com a pessoa que está recebendo a obrigação, com o *Bàbálóòrìsà,* com algum dos participantes ou, até mesmo, com algum erro na distribuição dos ingredientes.
3) *Odù Ogbè Joko* (2 búzios abertos/6 fechados)
   — Responde *Òrìṣàálá.*
   — Significa que falta alguma oferenda para *Òrìṣàálá.*
4) *Odù Ẹtàwa* (3 búzios abertos/5 fechados)
   — Respondem *Ògún* e *Ọdẹ.*
   — Significa que há algum engano. Verificar se não está faltando algo.
5) *Odù Ọbàrísé Joko Méjì* (4 búzios abertos/4 fechados)
   — Responde *Ṣàngó.*
   — Significa confirmação de tudo estar em perfeita ordem.

6) *Odù Adàṣẹ Lodò Ajikùn* (5 búzios abertos/3 fechados)
   — Responde *Ọṣún.*
   — Significa que falta alguma oferenda para *Ọṣun.*
7) *Odù Adàṣẹ Lòkun* (6 búzios abertos/2 fechados)
   — Responde *Yẹmọnja.*
   — Significa que falta alguma oferenda para *Yẹmọnja.*
8) *Odù Ogbè Obìtọ* (7 búzios abertos/1 fechado)
   — Respondem *Ọbàlúwàiyé/Nànà.*
   — Significa que falta alguma oferenda para *Ọbàlúwàiyé* e *Nànà.*
9) *Odù Àlàfíà* (todos os búzios abertos).
   — Responde *Ọrúnmìlà.*
   — Significa que a obrigação está correndo (ou correu) muito bem.

— Continuando: tiram-se os *èṣẹ́* do peixe, que são colocados dentro da terrina, juntamente com o *òkúta*, búzios, moedas e 4 acaçá.

Bòrí ó o!
Orí ó o!
Orí ki a fie jẹja
Bòrí ó o!
Orí ki a fí ẹ jẹja
Orí ki a fi ẹ jẹja
Bòrí ó o!
Orí ki a fí ẹ jẹja
Àṣẹ ti Erinlẹ̀
Àṣẹ ti Erinlẹ̀
Ọrọ̀ mi jẹẹja.

— Após retirar os *èṣẹ́* do peixe, levá-lo ao forno, assá-lo e devolvê-lo à mesa de *Orí*, antes do final do ato. (Obs.: o peixe é embrulhado em folhas de bananeira.)

Bòrí ó o!
Orí ó o!

— Abre-se um *obi* e pergunta-se a *Orí* se está aceitando as oferendas. Obtendo resposta positiva, retira-se um pedaço e dá-se para a pessoa mastigar. O mesmo é feito para todos os presentes. O restante vai dentro da terrina. O oficiante recolhe das pessoas os pedaços mastigados, junta-os ao seu e, com um pouco de todas as comidas, vai amassando até formar um bolo. Dá-se para a pessoa comer três bocados. O restante é manipulado em forma de cone com orifício. É posto assim no *Orí* da pessoa. Canta-se no momento:

Orí ki ó jẹun
Bọrí ó o!
Orí ki a jẹun
Àṣẹ ti Erinlẹ̀
Àṣẹ ti Erinlẹ́
Ọ̀rọ̀ mi jẹẹja

— Sacrificam-se, diretamente no *Orí,* os animais determinados.

— Com a pele da *conquém* cobre-se o *Orí,* com tudo que estiver sobre ele, e se o amarra com palha-da-costa. Enquanto isso, canta-se:

Ó ìròrẹ́
Ọ̀rọ̀ orò ki dààbò orò
Ọ̀rọ̀ orò ki dààbò orò
Ògún ki dààbò orò. . .

E assim vai completando o *ṣiré* até *Òrìṣàálá.*

— A pessoa descansa até o dia seguinte, quando as pessoas voltam para saudar *Orí* e comer tudo o que quiserem. O que sobrar é despachado onde *Ifá* determinar.

(Obs.: Entre as oferendas para *Orí* não podem faltar flores e frutas.)

Anualmente, todos os iniciados do Candomblé, obrigatoriamente, tomam *Ẹbọrí,* por ocasião da festa do

Òrìṣà patrono do *ègbẹ́-àiyé.* Este ato, porém, pode ser bastante simplificado, constando de um *obì,* um *orógbó*, frutas, um *égbo* (canjica branca), enfim, tudo que é oferecido ao *Orí* é considerado um *Ẹbọri.*

ORÒ DE SACRIFÍCIO PARA O *ÌGBÍN* DE *ÒRÌṢÀÁLÁ*

— Antes de qualquer ritual, faz-se *ijúbà Iyà mi Oṣòròńgá:*

Ìbà akọ́dà to da tiẹ lorí ewé
Ìbà aṣẹ́dá ti tiẹ nilé pé-ń pé
Ìbá ìyá mi òṣòròńgá
Apani máàhá gun
Àwọn ni olóko ki òru àtòrì jápa! Atẹ̀dọ̀ jokàn
Atiìdí jórorò ẹyẹ àké gánọ̀n rọ́n
Agbo gẹ́gẹ́, lorí ìrokò máàyé
A hóró ilé ṣé irọ́ ẹyẹ a payẹ
Ẹlẹ́ṣẹ́ irọ́ ẹyẹ a bí dé lẹnun wakọ̀ wakọ̀
Àwọn ní igún ti gún ọmọ ẹja nínu omi
Àwọn ni ọ̀yàyà gùn ti gùn ọmọ akọ̀n lódò
Ẽmi mo pè orúkọ ẹyin ẹ máà pa mi ẹ máà
Àwọn ọmọ o mi. Mo júbà ọkùnrin mo jú bà obìnrin
Ìbà lọ́wọ́ ògùnsò lé gèè ti o sorí lódò ti kió
Ìbà lọ́wọ́ ìlú gbéeédú ti ó sidi ilé
Ti ó kò wámi lójú burú
Mo júbà odundun tí ì dùn bí i Ẹgún.

— Reza-se, então, o *ofò:*

Òrìṣà Oko
Òrìṣà mi.
Èmi kọ̀mo
Ẹ̀lómírọ̀n.
Àfi Òrìṣáǹlá.
Bàbá mi mo pè ẹ!
Mo pè Ẹ ẹ̀rọ̀ ilẹ̀!
Mo pè Ẹ ẹ̀rọ̀ ilẹ̀!
Ki ilé ayé ó ní lẹ̀gbára.
Ki ilé ayé ni dára tútù.
Ki ilé ayé ní dára ó sùn ọ̀wọ́,
Bàbá mi bàbá Òrìṣà.
Wọn gbogbo ni mo pè!
Mo pè ẹ̀rọ̀ ilẹ̀ ki a
Máà bẹ́ abẹ́ ni bẹ́rí
Olú àtẹ́lẹsẹ̀.
A gbénọ̀n dídùn là.
Ki orógbó dídùn là.
Ki obì dídùn mi.
A gbè bàbá mi Òrìṣà.
Mo pè Ẹ! Ki Ẹ wá,
Báàwa tú ilé ayé.
Wá ṣé ki ilé ayé
Wà lẽ dára oko mi Òrìṣà.
Òríṣàǹlá ṣé yo, mo pè.
Ki ó wà ṣé rere
Fún mi,
Fún ìwà mi.
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ!

Orixá Oko
Meu Orixá.
Eu não sou filho
De outro,
Exceto de Orixalá.
Meu pai, eu vos chamo!
Eu vos chamo para propiciar a terra!

Eu vos chamo para propiciar a terra!
Que o mundo tenha terra forte.
Que o mundo seja bom e agradável.
Que o mundo seja bom durante o sono das
pessoas,
Meu pai, pai Orixá.
A todos eu chamo!
Chamo para propiciar a terra, que nós
jamais morramos executados sob ela (a terra)
Senhor da sola dos pés.
Guie-nos às benesses da riqueza.
Que o orobô seja o prazer da riqueza.
Que o obí seja o prazer da riqueza.
Abençoe-nos meu pai Orixá.
Eu vos chamo! Que venhais vós,
Conosco para semear o mundo.
Venha fazer com que todo mundo
Esteja sabendo como fazer prósperas
as fazendas, meu Orixá.
Que o Grande Orixá faça brotar e crescer,
eu peço.
Que Ele torne tudo bom
Para mim,
Para minha existência.
Assim seja, assim seja, assim seja!

— Neste momento, sacrifica-se o *ìgbín.*

Ẹ̀rò, èrọ,
Ẹ̀rò ní tí ìgbín.
Ẹ̀rò gbè ṣé tí ìgbín
Ki araayé (Orúkọ èniọ̀n)
Ọmọ (orúkọ ìyà èniọ̀n)
Ki ó tútù ní ó o!
Tútù mi, tútù lalaalẹ́
Olóomi tútù, tútù lalaalẹ́
Óun tútù, tútù lalaalẹ́.
Ki yìí kínkín araayé (Orúkọ èniọ̀n) máà ọ̀huń

Tútù, tútù bí l'abà!
Ki araalé kínkín yìí
Araayé (Orûkọ èniọ̀n) máà ọ̀huṅ
Tútù, tútù ní ti tẹ̀ẹ̀tẹ́
Máà tẹ́ lorí ilé ara mi
Gbètẹ́, gbètẹ́ ni wọn araalé ẹ̀rọ̀ ìgbín
Ìgbín ki ilé ayé re
Ki ó dára, ki ilé ayé rẹ̀ sunwọ̀n
Ẹ̀rọ̀ gbètẹ́ gbètẹ́ títí ìgbín
Àṣẹ, àṣẹ, aṣẹ!

Propiciação, propiciação,
Propiciação é que o caracol
Propiciação e proteção seja o caracol
Para . . . (nome da pessoa)
Filho de . . . (nome da mãe da pessoa)
Que ele tenha o frescor (calma)
Frescor (calma) para mim, como frescor do anoitecer.
Senhor da água fresca, fresca como o anoitecer
Dê-lhe a calma, como o frescor do anoitecer.
Que este habitante do mundo (nome da pessoa) não sofra castigos
Faça-o calmo, como fresca e calma é a cabana do agricultor
Que as pessoas que habitam esta casa
O habitante do mundo (vivente) (nome da pessoa) não sofra penalidades.
Dê-lhe a calma, calma e tranqüilidade em sua caminhada.
Afaste a vergonha e a desonra de sobre minha casa e minha família.
Espalhe, espalhe em todos os familiares a propiciação do caracol.
O caracol que tem boa casa no mundo (mora bem)
Que para . . . também seja boa, que sua estada no mundo seja boa (enquanto viver).

Propiciação espargida, espargida do caracol
Assim seja, assim seja, assim seja!

— O *ikarahun* (casca do *ìgbín*) não vai ao fogo, pois pertence a *Ọbàlúwàiyé*. Quebre-o, faça um buraco no chão e enterre-o, juntamente com um pouco de *gúgúrú* (pipoca).

— Com a carne do *ìgbín* faz-se o seguinte:
Tome de uma cebola (ralada), uma colher de *ori*, uma colher de fubá branco, uma xícara de leite. Faça um molho branco e cozinhe o *ìgbín*. Deixe esfriar e ofereça à *Òrìṣàálá*.

— Horário de sacrifício: entre 4:30 e 6 horas.

— Festa: entre 16:30 e 18 horas. Da mesma forma, não se pinta *ìyawó* com *ẹfun* à noite.

— Os filhos de *Òrìṣàálá* vestem branco às sextas-feiras. Tomam banho de água ou *ègbo* ou passam *ẹfun* no corpo. Não comem carne vermelha e nem ingerem bebida alcóolica.

EBÓS DE ODÙ E ẸFỌ́

Para Abrir Caminhos

— Imprimir na terra, ao sair de casa, as marcas do *Odù Ìká Méjì.*

MARCAS DO ODÙ



— As marcas são feitas com o dedo auricular (dedo situado entre o indicador e o anular), que representa o dedo de *Ifá.*

— Faz-e então o encanto:

Ẹ̀fúùfù lẹ̀lẹ̀ loni kíì wọn.
Fi ó ni funfun fún mi
Ọ̀pẹ̀ lọpẹ́ èjìká, ti k'ó jẹ́ ki ọ̀run.
Óbọ ki Ìká Méjì óká gbogbo.

Ibi kúrò lóònọ̀n mi.
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

— Apagar as marcas com o pé esquerdo.
— Este *ẹbọ* é feito nos dias de segunda, quinta e sábado.

Para Desmanchar Feitiços

— Pega-se um pouco de cinza, bem fininha, e espalha-se em cima de uma folha de papel.
— Imprima as marcas do *Odù Ọ̀wọ́nrín Méjì* em cima da cinza.



— Com 9 *ataare* na boca, reza-se:

Ọjọ́ ti aṣọ funfun
bá fí ojú kọn
aṣọ ni ìṣẹ́ rẹ̀ tọn

Ọjọ́ ti aṣọ funfun
bá fi ojú kọn, osun.

Mi ìṣẹ́ rẹ̀ bàjẹ́

Ọjọ́ ti ìgbín
ba rí ẹnun kọn iyọ̀

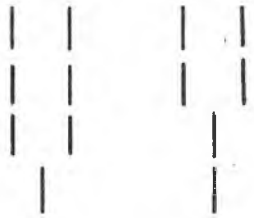
Ní re ọ̀run a pè rín
njẹ ẹni kẹni
ti ó bá ńpè.

Òrí mí (nome. . .)
ní ìgbín, kí ìṣẹ́ ó
máà bàjẹ́ lójú wọn
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

— Soprar a cinza em uma encruzilhada de três pontas. Tomar cuidado para que a cinza não caia em você.

Para se Livrar de Bruxaria

— Em cima de *Íyèrèosun* faz-se as marcas do *Odù Òkànròn-Ọ̀wónrín*:



— Em seguida, reza-se:

Ki ire dé là pè olúgbọ́n
Ki ire dé là pè olúgbọ́n
ó dabí sin a ni orúkọ a ńpè
ajànọ̀n ẹ̀kún.

A yin ní iyọ̀ ni a ńpè
lóòdòò-doo ẹnun ẹni

A dùn ní iyò ni
orúko a pè òrò t'ó
efinrin rín ti òròorò
ni orúkọ a pè ààbò
wá jẹ́.

E fi ni ti òrò orò orúkọ
a pè yin, odòo ròo

ti òrò si mi
Lòru ki a pè bù dá
a jí ìdìrùdirù nisé
Ọbàrà ńlá. Ọbàrà ńlá
Ki sé oògùn ojú àjé ló pón mi.
Ni mo ńpè ó Ifá Ẹ fi
ni òrò orò Ẹ fí ní
òrò orò, òrò orò, òrò orò
fi ni yìí.
Ají ìdìrùdirù di re.

Àjé fún mi wá
di ajé fún mi wá ó
Ají ìdìrùdirù ti àjé fun
mí wá, àse, àse, àse, ki èmi (nome. . .)
omo (nome da mãe).

— Observe a direção do vento e sopre o pó de modo a não deixá-lo tocar mais em você.

Para se Livrar de Feitiço

Material

— *Efun*
— Sabão-da-costa
— Bucha vegetal

Procedimento

— Imprimir no chão as marcas do *Odù Èjì-Ogbè* (use o dedo médio):



— Rezar o *Ọfọ̀:*

Ẹ̀jì-ogbè bòrí ogbè
Ẹ̀jì-ogbè bòrí ogbè
Ẹ̀jì-ogbè bòrí ogbè
Bí Ọ̀ọ̀ṣẹ ti n'bòrí ọkọ̀n kọn
(nome) bòrí àwọn ọ̀tá
(nome) wa ẹ pè d'ànùn a wèrè pé-ń-pé jẹ́ ó
(nome) wa ẹ pè dànùn a wèrè pé-ń-pé jẹ́ ó
Ẹ̀jì-ogbè bòrí ogbè si àwa rè ni pé-ń-pé jẹ́ ó!

— Misturar o *ẹfun* com o sabão-da-costa. Fazer uma pasta, aplicar na bucha e tomar banho segunda, quinta e sábado.

Observação: após cada banho jogar a bucha na rua ou rio.

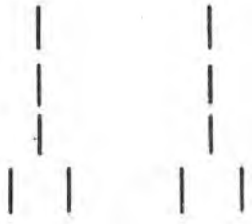
Para Chamar Clientes

Material

— 1 cabaça com tampa
— 1 *ìgbín* — mel — vinho
— *iyẹ̀rẹ̀osun*
— folha-da-costa e *mọ̀nrìwò*
— pano verde

Procedimento

— Em cima de um papel ponha as folhas, e sobre estas o *ìyẹ̀rẹ̀osun.* Imprimir a marca do *Odù Ògúndá-Mẽjì* (não rezar *ọfọ̀*):



— Fazer invocações de Ogum e sacrificar o *ìgbín* (caracol).

— Dentro da cabaça (para *Ògún Ìkọlà*) regue com um pouco de mel, tampe a cabaça e embrulhe-a com o pano. Sirva o vinho. Depois de quatro dias distribuir as folhas e o pó de *ìyèrèosun* em feira, mercado, lojas comerciais e bancos. Enquanto faz o *ọfọ̀:*

Ewé odundun l'ó ni
Ki ẹ mà dì ọ̀wọ́ ńlà ńlà wá fún
(nome) Ẹrù l'oni
Ki ẹ mà rù ọ̀wọ́ ńlà ńlà wá fún
(nome) Ìóodi di, Ìóodi di

Ní olú igbó ńfí ìgbín ti oore
fún ẹrò ọ̀nọ̀n
bi òru, bi òru
ni ńṣé aláṣọ dúdú.

— Voltar para casa e pendurar a cabaça em cima do batente da porta principal.

Observação: separar um pouco do pó, misturar com sabão-da-costa para tomar banho. É excelente.

Para Despachar Espírito Trevoso (Ikú)

Material

— Folha de bananeira
— folha de *mọ̀nrìwò*
— folha de *pèrègún*
— folha de mangueira
— casca de manga
— *ẹfun*

Procedimento

— Cozinhar tudo e deixar esfriar. Coar e separar o líquido.

— Imprimir as marcas dos *Odù Ọ̀kọ̀nrọ̀n-Ọ̀wọ́nrín:*



— Rezar o seguinte *ọfọ̀:*

Ọ̀kọ̀nrọ̀n ọ̀wọ́nrín
Alágbára bi agìnyòn
Ó k'ó ní inu odù
Ìṣègùn Egúngún.
Ẹ̀rọ̀, ẹ̀rọ̀, ẹ̀rọ̀
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ

— Pôr o *ẹfun* (pó) dentro da água (infusão) e tomar banho. Defumar-se com qualquer defumador e vestir roupas claras.

— Tomar um chá forte de casca de manga e erva-cidreira. Imprimir no *efun* as marcas do *Ọ̀fún-Mejì.*



— Repetir o *ọfọ̀* — só que em vez de dizer:
Ọ̀kọ̀nrọ̀n ọ̀wọ́nrín

diz-se:

Ọ̀fún Méjì .(Repete-se o restante)

— Utilizar o pó para passar em todo o corpo.

Observação: abster-se de carne vermelha, peixe de pele e sexo por nove dias.

– Após os nove dias oferecer *obì* a *Èṣù*. Carne de cabra com quiabos para *Ọya*.

Para Ganhar Causa na Justiça

Material

– *Ẹfun*
– *Iyẹ̀rẹ̀osun*
– areia do mar
– 1 cabaça pequena
– 1 pombo
– 16 búzios (abertos)

Procedimento

– Abrir uma tampinha na cabaça, de forma que dê para fechá-la depois.

– Misturar o *ẹfun, osun* e a areia. E imprimir o código do *Odù Èjì-Ogbè*:

Rezar o seguinte *ọfọ̀:*



Ẹfun ọmọ ọlọ́rùn
Osun ọmọ ẹlẹ́ẹ̀dá
Iyepè ọmọ Olódùmarè
Olóòkun njí ẹjọ́ àgbà
Ọbàtálá njíja agbà
ẹjọ́ bá wọn nibẹ̀

Ó ni ẹ kú ìdárò
Ó ní kí a fí Olóòkun jẹ́ ọba omi.
Kí a fí Ọbàtálá jẹ́ ọba òrìṣà.

Kí a fí ọ̀nọ́n j'ọba òpópó.
Ọ̀gọ njí ẹjọ́ àgbà
Wọn ní kí a ló si ìràwọ̀
Látì mu wọn dé púpọ̀ olúwa òru
Àwọn wáàdí méjì lọ mọ ọ̀ọ̀sọ́ńlórun

Ẹ gbà rí ẹjọ́, ẹ gbá jẹ́ bi
Wọn kò jẹ́ ara sí ìdí, ẹ gbà
Ọ̀rọ̀ mi (nome) Ọmọ (nome da mãe)
Àti ńlọ́ so lóni
Ọ̀rọ̀ ẹnu rẹ ni kí wọn fi-dé-nu lóni.
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ

— Colocar o pó dentro da cabaça, enfeitá-la com os búzios e sacrificar o pombo em cima. Fechá-la em seguida.

— Para usá-la, reze o encanto com 8 *ataare* na boca, e apresente-a para o *orí* (cabeça).

Para Acalmar Èṣú

Material

— 1 *ẹtù* (galinha-d'angola)
— 1 *ìgbín*
— azeite-de-dendê
— Gim (seco)

Procedimento

— Evocar *Èṣù*, derramando gim em cima de seu assentamento. Sacrificar a *ẹtù*. Regar com um pouco de azeite-de-dendê.

— Abrir o peito da *ẹtù* e pôr um pouco de gim e algumas gotas de dendê. Sacrificar o *ìgbín* dentro da *ẹtù*.

— Despachar o *ẹbọ* em encruzilhada de três pontas (*ìkǒríta*). Fazer o seguinte encanto:

Ẽmi ba Ẽṣù kíí, sọ rẹ̀ a re owó
Ẽṣù mo bá ó sọ rẹ̀
máṣé mi, jé ki èmi nire, aya,
èmi bá Ẽṣù sọ rẹ̀ kíì a re ọmọ
Ẽṣù mo bí ó sọ rẹ̀
máṣé mi, jé kí èmi nire ọmọ.
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

Banho para Limpeza de Caminho

Material

— *orógbó* ralado
— 7 pimentas-da-costa (socadas)
— sabão-da-costa
— *ìyẹ̀rẹ̀osun*
— 7 gotas de azeite-de-dendê
— Um pedacinho de cabaça (ralada)

Procedimento

— Misturar tudo, enquanto faz o encanto:

Ki a lọ́ dára
Ki ààbò sunwọ̀n
Omi kíì dé s'oko íwájú
Tóní ayè ayun-bọ̀ lọ́wọ́ nyin ẹnun
Orógbó jé kí ńgbè si rere
Ọ̀ṣẹ̀ jé ki ńgbè si rere.
Ìyẹ̀rẹ̀osun jé kí ńgbè si sere
Epo pupa jé kí ńgbè si rere
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ, ó lọ́wọ́ ẹnyin
àgbà àgbà. Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

Observação: guardar o sabão, com sete *ìkóodíde*, circundando-o, enquanto diz:

Odídẹrẹ kò láé kú àjò rẹ
Didẹrẹ nunca morra em seu percurso (viagem).

— Tomar banho com o sabão toda segunda, quinta e sábado, ou enquanto for fazer alguma viagem.

Para Tirar Vantagem

Material

— fio de coral preto
— fio de coral vermelho
— fio de coral branco
— *ẹfun* e *osun*
— sabão-da-costa
— *ìyẹ̀rẹ̀òsun*
— linha preta e branca
— *ìkóodíde*
— 1 cabaça
— 1 agulha grande

Procedimento

— Abrir uma tampa na cabaça. Colocar dentro o *osun*. Misturar o *ìyẹ̀rẹ̀osun* com *efun* e o sabão-da-costa e pôr no centro da cuia.

— Enrolar as linhas na ponta do *ìkóodíde*, e fincá-lo no sabão.

— Enfeitar a cabaça com os fios de corais.

— Fincar na cabaça (por fora) a agulha.

— Fazer o encantamento:

Ẹfun ló ni kí Ẹ fí mi rere fún mi
Osun lóni kí Ẹ fí ó ní rere fún mi bò

Òwú dúdú àti funfun
Ki ìjà ara wọn èníòn
Ẹ máṣé jà èmi (nome) Ọmọ (nome da mãe)
bá lọwọ́ nyin

àkọ́ jẹ́ ewé mí rere, ẹ jẹ́ kí ó jẹ́.
Aṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

— Depois do encantamento tampe a cabaça.

— Toda vez que precisar tirar vantagem em qualquer situação, é só comprar linhas pretas e brancas. Pegar as pontas e passá-las no fundo da agulha. Pôr os carretéis dentro da cabaça e ir puxando os fios até o fim, enquanto faz o encanto.

Observação: os fios devem acompanhar o indivíduo onde ele for tirar vantagem, e devem ser jogados na rua antes de voltar para casa.

Banho para se Proteger de Inimigos

Material

— raspa de batente de porta de boteco
— um pedaço de pano branco
— bucha vegetal e sabão-da-costa

Procedimento

— Queimar a raspa do batente da porta, a bucha, o pano branco, até virar cinza.

— Misturar esta cinza ao sabão, enquanto vai-se fazendo o encanto:

Ilẹ̀kùn ọ̀nọ̀n ni rẹ̀hìn gbálẹ̀
Ẹrù ní gbẹ́ẹ̀hin ọ̀nọ̀n àjò
Ó kí ó jẹ́ ni ẹ̀hìn àgíyámon
Jẹ́ kí gbogbo ẹnití o wà sorí nibi
Wọn ní lọ́ jìnnọ̀n gbogbo wọn
Ẽní-Ogbè, ni bàbá Ifá
Ki wọn má gbé lé mi
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

— Utilizar o sabão para banhar-se. É um excelente *agbó* de retorno para os maldosos.

Para o Amor

Material

— 5 folhas de *tẹ̀tẹ̀* (bredo-sem-espinho)
— 5 borboletas amarelas
— 5 *ataare*

Procedimento

— Torra-se tudo e faz-se um pó. Junte a este um pouco de *osun.*
— Passe nos seios, nuca e reze o encanto:

Tẹ̀tẹ̀ é e!
Ibi ti àbá ni ki tẹ̀tẹ̀ o mátẹ́
Ibẹ̀ níì tẹ́
Àtẹ́ gbẹ̀ ni ẹsẹ itẹ́ nã
Tẹ̀tẹ̀ kíì té lá àwo ẹ̀fọ́
Èmi (dizer o nome) Ọmọ (nome da mãe)
Kò tiní, fẹ́ ní owó
Àwon ti fẹ́ẹ̀rọ̀n mi
Tẹ̀tẹ̀ kíì tẹ́ là àwo ẹ̀fọ́
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

Para Limpeza de Casa

Material

— 1/2 kg de carne (de segunda)
— cachaça
— 1 prato branco
— canjica
— 1 acaçá (*ẹ̀kọ*)
— 1 vela
— sabão-da-costa
— *ori*
— mel ou açúcar

Procedimento

— Quebre as bordas do prato e coloque dentro deste a carne, com um pouco de cachaça.

— Com o prato na mão vá andando pela casa e fazendo saudação à *Egún:*

Ikú alè, ikú àjò (três vezes)

— Enquanto vai fazendo a limpeza, de dentro para fora, canta-se:

Egún, Egún mi salẹ̀ lọ́run
Egún. . .

— Despache este *ẹbọ* no mato. Passe o acaçá em seu corpo, coloque ao lado do *ẹbọ* e acenda a vela.

— Ao voltar para casa tomar banho da seguinte maneira:

Com a canjica já cozida, escorra-a de forma a aproveitar sua água. Acrescente nesta água um pouco de mel.

Tomar um banho com sabão-da-costa. Após este, despejar a água de canjica da cabeça aos pés e, sem enxugar-se, vestir roupas brancas.

Passar *ori* nos pulsos e no umbigo.

— Joga-se a canjica em cima da casa, enquanto vai-se pedindo paz.

OUTROS EBÓS

Para Tirar Dinheiro dos Devedores

— Vá até um pé de pimenteira e diga:

Ewé ẹsẹ mi kálú (por três vezes)

— Tire sete folhas e esfregue-as na sola dos pés. Após isto feito, vá direto à casa do devedor.

Observação: depois de receber o dinheiro ou fazer algum acordo, é importante que lave os pés, antes de voltar para casa.

Para Dinheiro Ficar na Mão

Material

— nove aranhas (ou uma)
— nove *ataare* (ou uma)
— o importante é que seja igual para os dois pulsos

Procedimento

— Torram-se as aranhas, os *ataare* e faz-se um pó.
— Abrem-se curas nos pulsos, conforme o número de aranhas e de *ataare*.
— Aplica-se o pó sobre as curas.

Para Trazer Clientes

Material

— canjica (*ègbo*)
— arroz
— chuchu
— 1 frango
— cana-de-açúcar

Procedimento

— Cozinhar a canjica, o arroz e o chuchu, sem sal.
— Em uma tijela coloque a canjica. Numa outra travessa coloque o arroz de um lado e do outro o chuchu, dividido em seis partes. Põem-se os *òtá* (pedras) do assentamento de *Ọ̀ṣun* no centro da travessa.
— O frango é sacrificado para *Lògún-Ẹdẹ*, em cima dos *òtá*, que ficam com a cabeça e três penas de cada asa.
— Os pés são atirados na rua.
— A cana-de-açúcar deve ser picada sobre as oferendas e sobre o assentamento de *Ọ̀ṣun*.
— O restante do frango é temperado com azeite-de-dendê, cebola ralada, *ataare* e após cozido é oferecido a *Èṣù*, acompanhado de gim.
— *Lògún Ẹdẹ* é considerado o mensageiro de *Ọ̀ṣun* e *Eṣù* é considerado aquele que a persegue.
— *Obì* faz parte de todo o ritual.

Para Impotência Sexual

— Comer um *obi* vermelho por dia. Fazer um chá com as seguintes ervas:
— pau-de-resposta
— pau-tenente
— catuaba
— Tomar o chá três vezes ao dia, até resolver o problema.

Obs.: Não nos esqueçamos, todavia, que os melhores afrodisíacos são o amor, a paixão e o equilíbrio emocional.

Para Arrumar Emprego

Material

— um coco
— 18 *ataare*
— 1 kg de açúcar
— 1 bucha
— sabão-da-costa
— *ori* e *ìyẹ̀rẹ̀osun*

Procedimento

— Este *ẹbọ* é feito ao ar livre. O oficiante põe a pessoa em pé, com a coluna bem reta, olhos fechados e oferece a esta 9 *ataare* para mastigar, para que o seu hálito fique purificado. Entrega-lhe o coco para que vá fazendo seus pedidos, enquanto libera o hálito quente sobre o coco.

O oficiante pega o coco de volta e, também, com 9 *ataare* na boca, começa a liberar o seu hálito no espaço. Enquanto vai fazendo o sacudimento, passa-se o coco em torno da cabeça, tórax e coluna da pessoa, pedindo tudo de bom.

— O oficiante ajoelha-se e mentaliza uma coroa de luz na cabeça da pessoa. Quando esta aparecer nitidamente, com o coco bem firme nas mãos, solta o *àṣẹ* de seu hálito e quebra o coco contra uma pedra. O resultado pode ser observado na hora: quando o coco se parte em dois é sinal de que o *ẹbọ* foi bem aceito.

— Faça uma pasta com sabão-da-costa e *ìyẹ̀rẹ̀osun*, e ponha na bucha. Dê para a pessoa tomar banho, começando pela cabeça. Após o banho, passe *ori* na nuca, cabeça, tórax e nos pulsos.

Observação: com o coco fazem-se cocadas e dá-se a outras pessoas para comerem.

Para Prender o seu Homem

Material

— um alguidar médio
— um coração de boi
— um inhame grande (cozido e com o nome do casal dentro)
— azeite-de-dendê
— taliscas de dendezeiro

Procedimento

— Corte o coração, na vertical, em quatro partes e coloque-o dentro do alguidar.

— Crave no inhame 42 palitos (taliscas) de dendezeiro e coloque-o no centro do alguidar.

— Regue tudo com mel e ofereça à *Ògún Ìkọ̀là*. Acompanhado com muito vinho branco e 7 *obì*.

Observação: os nomes são escritos com grafite (lápis).

Para Pedir Dinheiro a Èṣú

Material

— 6 acaçá (*ẹ̀kọ*) vermelhos
— azeite-de-dendê
— gim
— 6 *obì*

Procedimento

—Ofereça os acaçá (*ẹ̀kọ*) com um pouco de azeite-de-dendê.

— Segurando firmemente o *ọ̀gọ* vá fazendo evocação e despejando gim sobre o assentamento de *Ẽsù*. Quando sentir a sua presença, passe um acaçá no *ọ̀gọ*, no sentido de baixo para cima, e peça-lhe dinheiro.

— Em seguida, abra os *obì* e divida-os em duzentas partes. Jogue-os sobre o assentamento de *Ẽṣù*.

Para Èṣú Trazer Dinheiro

Procedimento

— Antes de se deitar, passar 6 *obì* vermelhos no corpo e colocá-los sob o travesseiro.

— No dia seguinte, colocar 1 *ataare* na boca e oferecer os *obì* (dividi-los em seis partes) em cima de folhas de mamona a *Ẽṣù*.

— Pegar seis notas de um cruzeiro real passar na cabeça e impregná-las com o *àṣẹ* de seu hálito. Em seguida, amarre-as no *ọ̀gọ* de *Ẽṣù*. Ao meio-dia jogá-las em uma encruzilhada de três pontas.

Para Chamar Cliente

— Oferecer 3 acaçás (*ẹ̀kọ*) com mel, no assentamento de *Ògún*.

— Um acaçá (*ẹ̀kọ*) com água e mel, no portão para *Egún.*

Observação: esta é uma das muitas junções que se faz da estrutura com o movimento, ou seja, da estabilidade com instabilidade que gera o movimento.

Para Continuar Tendo Cliente

— Ao tirar um *ẹbọ*, deixe um pouco deste enterrado no portão, do lado esquerdo de quem entra.

Para Ògún Abrir Caminho

Material

— 10 cocos verdes
— 10 espigas de milho verde
— 3 litros de vinho
— 7 *obì*
— 7 *orógbó*
— 1 inhame (assado)
— açúcar e sal

Procedimento

— Tirar os grãos do milho e cozinhá-los na água do coco. Temperá-los com açúcar e sal, deixando-os com sabor de lágrima.

— Fazer as evocações e oferecer para *Ògún.* Derramar parte do vinho em cima do assentamento, e em volta deste oferecer *obì* e *orógbó.*

— Fazer os pedidos e, em seguida, comer um pouco do milho.

— O inhame corte em quatro partes e ofereça à *Ògún.*

— Com os cocos preparar um doce e oferecer uma porção a todas as pessoas que vierem à casa de culto. Isto determina a comunicação do *Òrìsà* com o meio social.

— Três dias depois passar dois pombos brancos no corpo e soltá-los para *Ògún.*

Para Engravidar

Material

— 1 obì vermelho (ralado)
— erva-de-são-caetano
— chapéu-de-couro
— malva branca
— amor-do-campo
— espinheira-santa
— buchinha do mato

Procedimento

— Junte todos os ingredientes e coloque dentro de um litro de vinho branco. Enterre por uma semana em lugar úmido. Desenterre e tome um cálice, antes de dormir.

— Quando acabar o líquido, complete novamente com mais 1 litro de vinho, enterre-o e torne a tomá-lo.

— Ofereça uma bacia de frutas (menos abacaxi e tangerina) para *Ibéjì,* em uma praça. Em volta da bacia coloque bastante doces (menos de chocolate) e um litro de leite. Faça as evocações e peça um filho para *Ibéjì* e terá a alegria de ter *Ẹdjunjọbí,* ou seja, a satisfação de ter dois filhos de uma só vez.

Chá para Suspender Menstruação

— Fazer um chá de pétalas de rosa vermelha e tomar várias vezes ao dia.

Para se Defender de Feiticeiros

Procedimento

— Pegue 2 pratos brancos e quebre-os nas bordas. Faça com eles uma casinha em forma de triângulo. Coloque embaixo excremento de cavalo, com o nome do feiticeiro dentro. Regue tudo com cachaça. Põe-se uma bandeirinha dentro da garrafa e acende-se uma vela.

Para Afastar Pessoa Impertinente

Procedimento

— Pegue 7 galhos de amoreira. Quando a pessoa sair de sua casa varra o seu rastro e jogue os galhos na direção em que a pessoa seguiu.

— Em seguida, ofereça um acaçá (*ẹ̀kọ*) para *Egún* no portão de sua casa.

Pó Para Casa Comercial

Procedimento

— Pegue 1 *obi* que tenha sido oferecido a *Ẹ̀ṣù*.
— *Ẹfun*
— dandá-da-costa
— Noz moscada
— Folha-da-fortuna (seca)
— Rale tudo e faça um pó. Sopre dentro da casa comercial e peça prosperidade, vitória, etc.

Para Amarrar o Seu Amado

Procedimento

— Sacrificar 2 pombos brancos para *Ògún*. Arrancar os corações das aves e colocar os nomes do casal dentro, com eles ainda quentes.

— Colocá-los em uma panelinha de ferro. Pôr dois acaçá (*ẹ̀kọ*) em cima e cobri-los com mel.

— Deixar arriado até o dia seguinte.

— Levar ao fogo para torrar e fazer um pó, misturando canela e *obì*.

— Fazer um patuá de couro preto, pôr o pó dentro deste e usá-lo sempre.

Par o Homem não Sair em Busca de Aventuras

Procedimento

— Pegar bifes e passar no corpo. Em seguida, temperá-los com sal, cebola e pimenta-da-costa, e oferecê-los para o marido comer.

— Dar um jeito de sobrar um pouco de comida no prato dele. Esta sobra deverá ser enterrada sob o batente da porta da cozinha.

Para Deixar de Beber

Procedimento

— Pegue 7 lambaris e coloque-os vivos dentro da cachaça. Tampe a garrafa e deixe-a dentro do rio por 3 dias.

— Quando for pegar a pinga levar uma oferenda para *Êsù*, que pode ser:

— 6 pedaços de carne crua

— 1 obì

— 1 litro de gim

— azeite-de-dendê

— Retire a garrafa da água, coe, separe os lambaris e ponha-os juntamente com a oferenda de *Êṣù*.

— Leve a pinga para casa e deixe o alcoólatra bebê-la à vontade.

Para Deixar de Fumar

Procedimento

— Pegar o fumo de um cigarro e colocá-lo dentro de um copo de água mineral, à noite. No dia seguinte, em jejum, tomar três goles. Fazer isso por 9 dias.

Para Segurança de Um Ambiente

Material

— 1 vaso de barro médio
— 1 pedaço de ferro (bastante enferrujado)
— 1 galo vermelho
— 1 litro de vinho branco
— 1 inhame (assado)
— 1 *obì*

Procedimento

— Ponha o pedaço de ferro dentro do vaso e sacrifique o galo para *Ògún.*

— Ofereça o vinho, um pouco de azeite-de-dendê, o inhame e o *obì.*

— No dia seguinte, plante por cima de tudo um comigo-ninguém-pode.

— Cozinhe o frango de forma que a carne solte dos ossos, que deverão ser torrados e moídos. Acrescente ao pó:

— mirra
— benjoim
— alfazema
— incenso
— bagaço de cana-de-açúcar
— açúcar
— pão seco (fareio)
— borra de pó de café

Esta defumação deverá ser feita pelo menos uma vez por mês, no sentido de dentro para fora, e de fora para dentro, onde se apagará o fogo com água.

— A carne do frango pode ser consumida normalmente, por ser portadora de muito *àsè.*

Outros

— Para não faltar dinheiro, colocar 1 *ìkóodídẹ* na carteira.

— Para alimentar o magnetismo pessoal, utilizar um búzio que tenha comido *èjẹ* (sangue) em obrigação de *Ọ̀ṣun*, como pingente (com a linha de crescimento para cima).

— Para descarregar tensões nervosas, usar 4 *ìdẹ* acima do cotovelo.

— Para diabete, fazer chá com 7 folhas de carambola e tomar 1 xícara à noite, após o jantar, por 7 dias.

— Para acabar com vermes de adultos e crianças tomar 1 xícara de leite, com 1 *gota* de creolina e sumo de hortelã ou mastruz.

— Para dor de cabeça passar alho nas têmporas e nuca.

— Para criança dormir tranqüila, banhá-la com água e açúcar. Colocar um copo com água ao lado da cama e não deixá-la com roupas escuras. A água deve ser despachada no dia seguinte e recolocada todas as noites.

PALAVRAS FINAIS

O grande segredo da natureza, do homem e de Deus é o tempo, que só anda para frente, e em direção ao infinito.

Não corra, pois onde quer que você vá, depressa ou devagar, o tempo o alcançará a tempo.

Dê tempo ao tempo. Aprenda com tempo e verá que o tempo despendido com o tempo, foi um tempo proveitoso.

BIBLIOGRAFIA

- SÀLÁMI, Síkírù (King). *Cânticos dos Orixás na África*. São Paulo, Ed. Oduduwa, 1991.
- SANTOS, Orlando J. *Candomblé — Ritual e tradição* — Ed. Pallas, 1992.
- *Ọ̀rúnmìlà & Exu*. Curitiba, 1991.
- SILVA, Ornato J. da. *Ervas — Raízes Africanas* — Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 1993.

Impresso, com filmes fornecidos pela editora
nas oficinas gráficas da
IMAGO EDITORA
Rua Santos Rodrigues, 201-A
Rio de Janeiro, RJ

considerado o "boi de Oxalá").

Finalmente, penetra no campo mais genérico da prática do ***ẹbọ,*** *aquele voltado às demandas que nos são impostas pelo dia-a-dia, para as quais o sacrifício se faz necessário em busca da vitória, do sucesso e do equilíbrio.*

Constatando a simplicidade e a seriedade de tais práticas rituais, melhor poderá compreender o Leitor os cuidados de que se cercou o Autor antes de revelá-los, fornecendo conhecimentos indispensáveis a quem pretende utilizar-se das sutis energias que envolvem sua prática.

Autorizamo-nos, pois, a fazer uma última observação àqueles a quem sua leitura se destina: respeito à sua cabeça - à força divina que nela habita - à cabeça de seu semelhante, são componentes essenciais ao bom êxito de tais práticas, onde o ódio, a mesquinhez e sentimentos baixos não podem encontrar lugar, sob risco de "o feitiço virar contra o feiticeiro".

O que costumamos classificar como bem e mal, são faces de uma mesma moeda, cujo valor precisamos saber aferir.

Ari Araujo

Cód. 2124



Orlando J. Santos

Ebós de Odu, acompanhados dos respectivos *efó* (encantamentos); a constituição de *ori* (cabeça); como proceder um *bori*; assentamentos de orixá; como oferecer o *igbin* a Oxalá; além de inúmeros ebós para os mais diversos fins, você encontrará neste *O ebó no culto aos orixás*, o mais completo trabalho no gênero.

ISBN 85-347-0017-6

PALLAS
Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 - Higienópolis
Tel.: 270-0186 - 21050 - Rio, RJ